

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

ADRIANA APARECIDA DE LIMA

**INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES – UM OLHAR SOBRE O DISCURSO
DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

POUSO ALEGRE, MG

2021

ADRIANA APARECIDA DE LIMA

**INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES – UM OLHAR SOBRE O DISCURSO
DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Vale do Sapucaí, Univás, para a obtenção do Título de Mestra em Ciências da Linguagem.

Área de Concentração: Linguagem e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientação: Prof.^a Dr.^a Paula Chiaretti.

POUSO ALEGRE, MG

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Lima, Adriana Aparecida.

Insubmissas lágrimas de mulheres – um olhar sobre o discurso de resistência da mulher negra na obra de Conceição Evaristo / Adriana Aparecida de Lima. -- Pouso Alegre: UNIVÁS, 2021.
63p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Área de concentração: Linguagem e Sociedade: Análise de Discurso, Universidade do Vale do Sapucaí, 2021.

Título em Inglês: *Unsubmitted women's tears – a look at the black women's resistance discourse in conceição evaristo's work.*

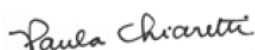
Orientadora: Orientadora: Profa. Dra. Paula Chiaretti

1. Literatura e Análise de Discurso. 2. O funcionamento do nome próprio. 3. Silenciamentos, Lugar de fala e resistência. I. Título.

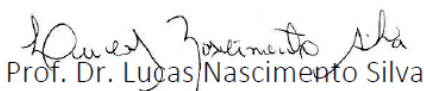
CDD – 410.7

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES – UM OLHAR SOBRE O DISCURSO DE RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO” foi defendida em 27 de outubro de 2021, por **ADRIANA APARECIDA DE LIMA**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, nível Mestrado, sob o Registro Acadêmico nº 13001816, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Profa. Dra. Paula Chiaretti
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora



Prof. Dr. Lucas Nascimento Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Examinador



Profa. Dra. Valéria Regina Ayres Motta
Doutora pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Examinadora

*Dedico a todas as mulheres negras que tiveram suas vozes silenciadas no
percurso da história.*

*Dedico à escritora, que rompe o silêncio imposto a essas mulheres nas
escrevivências de seus contos.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria de Lourdes, que na simplicidade de suas palavras, nunca deixou de mostrar o quanto acreditava em mim.

Ao meu pai, João, que no silêncio de sua memória, talvez não se lembre dos seus ensinamentos, que me tornaram tão forte ao longo da vida.

Aos meus irmãos, que me ensinaram a sonhar.

Agradeço à professora Dr^a Paula Chiaretti, pelas orientações que tanto me auxiliaram durante esse percurso.

À minha amiga, Gilmara Marins Silveira, pela motivação e amizade tão sinceras.

Agradeço a todos os meus amigos, que sabem das lutas pelas quais passei, dos sonhos que sempre estiveram vivos em meu coração e da esperança que tenho em ver um mundo mais justo para todos nós.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(EVARISTO, 2008, p. 21)

LIMA, Adriana Aparecida de. **Insubmissas lágrimas de mulheres – Um olhar sobre o discurso de resistência da mulher negra na obra de Conceição Evaristo**. 2021. 63f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre – MG.

RESUMO

Este trabalho, realizado sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso francesa, tem como objetivo refletir sobre a posição de resistência da mulher negra através da Literatura e, de forma específica, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, da escritora mineira Conceição Evaristo. A partir da posição de insubmissão das mulheres, protagonistas negras desses contos, refletimos sobre a resistência às memórias da escravização, da violência de gênero e violências sociais às quais foram submetidas ao longo da história. Entendemos a obra literária em estudo como uma tomada de posição da mulher negra na história.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Literatura; mulher; resistência.

LIMA, Adriana Aparecida de. **Unsubmitted women's tears – a look at the black women's resistance discourse in Conceição Evaristo's work**. 2021. 63f. Dissertation (Master' s degree). Graduate Program in Language Sciences, University of Vale do Sapucaí, Pouso Alegre - MG.

ABSTRACT

This work, carried out under the theoretical perspective of French Discourse Analysis, intends to reflect on the position of resistance of black women through literature and, specifically, in the work *Insubmissive Women's Tears*, by the writer from Minas Gerais, Conceição Evaristo. Based on the insubmissive position of women, the black protagonists of these stories, we reflect on the resistance to the memories of slavery, gender violence, and social violence to which they have been subjected throughout history. We understand the literary work under study as a position taken by black women through history.

Keywords: Discourse Analysis ; Literature ; woman ; resistance.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA E SUA RELAÇÃO COM O DISCURSO.....	15
1.1 Uma reflexão sobre a literariedade	15
1.2 Literatura e análise de discurso	26
1.3 Apontamentos sobre a questão da resistência	31
CAPÍTULO 2: O FUNCIONAMENTO DO NOME PRÓPRIO EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES	39
2.1 Natalina Soledad – a mulher que escolheu o próprio nome	39
2.1.1 Troçoleia Malvina Silveira	42
2.1.2 Natalina Soledad	47
CAPÍTULO 3: O LUGAR DE FALA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA.....	48
3.1 Considerações sobre o silêncio e o lugar de fala como produção de sentidos de resistência	48
3.2 Vozes femininas e negras em insubmissas lágrimas de mulheres, uma análise do título e da obra.....	56
3.3 Ouvir e contar histórias – Conceições, vozes e escrevivências	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	62

APRESENTAÇÃO

Há muitos anos, desde a época em que ouvia com curiosidade as vozes das professoras de Literatura, até os tempos atuais - os quais são dedicados ao trabalho de lecionar - a arte de escrever tem sido algo que sempre me chamou a atenção. Utilizada muitas vezes como ferramenta de mudança social e política, ou então, como forma de expressão de sentimentos, ou ainda, simplesmente como entretenimento, a Literatura é o retrato da alma humana. Aquele que lê, se reconhece na voz escrita do outro. Por meio dessa arte, os seres humanos se (con)fundem em um mesmo ser, em uma mesma voz.

A literatura produzida por Conceição Evaristo nos faz pensar em um tipo de literatura que rompe com certas estruturas, não somente pela história de vida da escritora, pelos obstáculos sociais e culturais com os quais ela teve que lutar ao longo de sua vida, mas também pela questão do próprio texto. Das histórias que contam de forma, às vezes até chocante, a dimensão da dor de seu povo e, de forma mais específica, de suas mulheres. Para essa reflexão, Barthes tem uma importante consideração a respeito dos textos, classificando-os de duas formas diferentes: texto de prazer e texto de fruição. Nas palavras de Barthes (1987, p. 21):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.

Não posso afirmar que não haja um prazer nas palavras de força, ora doces, ora tão amargas, mas sempre tão resistentes de Conceição Evaristo. Mas sua Literatura se aproxima mais do que Barthes (1987) classifica como texto de fruição, algo que vai além do prazer, que estremece os conceitos, a história, que provoca o leitor e instiga nele sentimentos até desconhecidos, ou desmascara as histórias de cada um, escondidas no mais profundo de suas memórias.

Mais tarde, ao iniciar os estudos do Mestrado, questões que há muito me acompanhavam foram ressurgindo com mais força. A Literatura sempre vinha emoldurando essas questões, como um veículo para a produção de sentidos, sentidos múltiplos, de múltiplos sujeitos, múltiplos dizeres que seguem seu curso

natural guiados pela força da história e da ideologia. Assim o processo discursivo se faz, nas palavras de Orlandi (2015, p. 15) o discurso “etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Ao observar esse “homem falando”, observo como esse processo discursivo se produz na Literatura, que, por meio de uma linguagem múltipla, produz/reproduz os sentidos.

Além de a arte literária sempre estar presente em minhas vivências, outras questões também se fizeram muito fortes no decorrer da minha vida, como o recorrente apagamento das vozes de mulheres. A sociedade ainda carrega em si muito do modelo patriarcal. A mulher ainda luta para conquistar o que deveria ser seu, o seu lugar. Além disso, a visão sobre a mulher ainda é diferente: posturas, fala, lugares os quais frequenta, relacionamentos, todas essas questões e muitas outras direcionam para a mulher um olhar diferente, marcado por julgamentos e preconceito. Até mesmo pequenas ações como comprar uma água em um bar, pode virar motivo de atenção, pois “mulheres honestas não entram em bares”! Ou ainda, suas relações, se forem “muitas”, “a mulher pode ficar com o nome sujo e não serve mais para o casamento”. Frases que ouvi desde menina, que sempre frequentam a memória das meninas, moças e mulheres. A violência nas grandes cidades, marcada pela “culpa” da mulher que se oferece ao homem e não merece respeito. Existe também no preconceito tão frequente nas cidades pequenas, preconceito que se revela nos dizeres e nos olhares. Quantas infelicidades!

Mais tarde, já nos estudos do mestrado, tive a oportunidade de conhecer a escritora mineira Conceição Evaristo e sua luta para buscar um lugar na literatura, lugar que somente seria conquistado aos 71 anos de idade. Sua história me encantou, seus textos e suas mulheres mostram histórias de muita força, de muita luta e de conquistas que já deveriam existir há muito tempo. Porém ainda requerem muita luta e essa luta tornou-se então o nosso objeto de análise.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946 e viveu em uma favela até sua juventude, quando foi para o Rio de Janeiro para concluir seus estudos e trabalhar como professora. Em uma entrevista à jornalista Miriam Leitão, concedida no dia 21 de novembro, semana da Consciência Negra, Conceição Evaristo fala das dificuldades da população negra e pobre do país, fala também dos obstáculos que

enfrentou como escritora para que ganhasse destaque no cenário literário brasileiro. Hoje a escritora mineira é graduada em Letras pela UFRJ, mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996) e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Sua obra literária **Insubmissas Lágrimas de mulheres**, a qual elegemos como objeto de análise, é uma coletânea de treze contos protagonizados por treze mulheres negras, as quais, por meio da voz da narradora, relatam suas histórias de vida marcadas pelo sofrimento, pelas tragédias e pelas vitórias. Nessa obra, produzida em 2011 pela escritora mineira Conceição Evaristo, essas mulheres demonstram as condições de vida, muitas vezes, marcada pela memória que ainda hoje as significa a partir da evidência de que a mulher seria inferior ao homem e de que a mulher não poderia ocupar posições de centralidade na sociedade brasileira.

Podemos compreender nessas histórias as lutas das mulheres, especialmente da mulher negra, para marcar uma posição em relação a essas memórias, ou seja, há uma busca para que as memórias da escravidão sejam construídas por uma perspectiva de mudança, de que essas mulheres não seriam obrigadas a aceitar as consequências advindas desse período, mesmo vivendo em um país marcado pela desigualdade e pelo preconceito. Por meio de uma linguagem simples e direta, essas personagens ganham vida e podem, por meio de suas vivências e pela voz de Conceição Evaristo, mostrar a realidade em que vivem e fazer com que essa realidade possa ser compreendida como uma ferramenta de resistência e mudança em relação a uma determinada concepção de mulher, que sistematicamente, é posta em uma posição de inferioridade.

Dessa forma, procuramos nesse trabalho, compreender como essa obra formula e significa resistência a essas memórias, ou seja, como essa obra materializa discursivamente os sentidos de resistência e como pode ser lida como prática de resistência. Essas mulheres contam suas histórias, relatam os fatos que marcaram suas vidas e também as lágrimas que fizeram parte dessas trajetórias, porque as lágrimas sempre existiram e seriam como uma demonstração das lutas que travaram ao longo da vida.

Essa pesquisa é dividida em três capítulos, nos quais procuramos trazer uma reflexão, com base na teoria da Análise de Discurso, sobre os elementos que marcam posições de resistência por meio da materialidade literária. O que nos remete ao conceito de materialidades discursivas, tratado no colóquio *Materialidades Discursivas* (1980), em que Pêcheux aponta uma questão inicial sobre o que seriam as materialidades discursivas “Com que matéria lidamos quando tratamos de ‘materialidade discursiva’? O discurso: dejetos dos linguistas, ou o horizonte para além da fala?” (CONEIN; COURTINE; GADET; MARANDIN; PÊCHEUX, 1981 [1979], p. 11). Dessa forma, no colóquio, a questão das materialidades discursivas é apontada ainda como uma questão a ser discutida na direção de um conceito. Porém, o que se pode compreender a respeito das materialidades é o que se estuda em Análise de discurso como uma disciplina de entremeio à história, à língua e ao inconsciente. Dessa forma, podemos entender que as materialidades surgem da heterogeneidade entre o real da história, o real da língua e o real do inconsciente.

Nesse colóquio, o que objetiva Michel Pêcheux não é exatamente trazer uma resposta lógica para a questão das materialidades, mas evitar que as materialidades sejam facilmente confundidas com o “objeto” ou o “texto” em análise. Mais adiante, em *Metáfora e Interdiscurso* ([1984] 2011, p. 152), Michel Pêcheux traz a seguinte formulação para as materialidades discursivas:

Nosso empreendimento supõe, parece-me, levar a sério a noção de *materialidade discursiva* enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades” de uma época, mas que remete às condições verbais de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica.

No primeiro capítulo, trazemos elementos teóricos que embasam nossa pesquisa. Falamos sobre a literatura e que elementos podem ser compreendidos como elementos que proporcionam literariedade aos textos. Procuramos refletir sobre o pensamento de alguns estudiosos sobre o assunto. Para nossa pesquisa, trazemos as palavras de Lajolo (1986), Culler (1999) e Antônio Cândido (1988) como meio pelo qual podemos compor um pensamento a respeito da literariedade.

Ainda nesse capítulo, estabelecemos uma reflexão sobre a literatura e a Análise de Discurso com base nos conceitos de Copagnon (2006), Teixeira (2019), Lajolo (1994) e Orlandi (2015). Por fim, trazemos uma reflexão sobre a resistência com base na obra de Michel Pecheux (1984), Sobrinho (2021) e Zoppi Fontana (2002), pois o nosso trabalho se ampara da visão da Literatura como resistência.

No segundo capítulo, iniciamos nossas análises a respeito do nome próprio e a forma pela qual produz sentidos. Escolhemos para essas análises o conto Natalina Soledad, em que a protagonista, escolhe o seu próprio nome, depois de vários anos sendo chamada de Troçoleia Malvina. Para essa análise, refletimos a partir dos estudos de Bethânia Mariani (2014) e Ferreira (2008).

Por último, encerramos nosso trabalho com uma reflexão sobre o lugar de fala e escolhemos para a análise o título da obra e a página que sucede o sumário. Nessa página, Conceição Evaristo fala (2015), de forma muito sensível e poética, da arte de contar histórias, histórias que são chamadas de “escrevivências”: “Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que às vezes, se (con)fundem com as minhas. [...] Afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência”. Encerraremos essa última parte do trabalho falando sobre a resistência que se instaura na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Partimos dos estudos de Djamila Ribeiro (2017), Mônica Zoppi Fontana (2017) e Eni Orlandi (2007), para formular nossas reflexões sobre a obra em análise.

CAPÍTULO 1: CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA E SUA RELAÇÃO COM O DISCURSO

Para mim a literatura é essa oportunidade que você tem de se agarrar à vida, porque você registra a vida, você inventa a vida, você discorda da vida. Escrever é uma forma de sangrar e a vida é uma sangria desatada. (Conceição Evaristo, canal Leituras Brasileiras)

Neste capítulo, buscamos uma reflexão acerca da literatura como ferramenta de luta e resistência na sociedade. No primeiro tópico, trazemos uma reflexão sobre questões relacionadas ao entendimento sobre a literatura a partir das reflexões de Lajolo (1986), Culler (1999) e Barthes (1987). No segundo tópico, apontamos as relações entre a Análise do Discurso e a literatura e como os textos selecionados para a pesquisa serão lidos por meio de um olhar discursivo. Falamos também sobre o conceito de resistência para a Análise de Discurso.

1.1 Uma reflexão sobre a literariedade

A Literatura é o retrato vivo da alma humana; é a presença do espírito na carne. Para quem, às vezes, se desespera, ela oferece consolo, mostrando que todo ser humano é igual, e que toda a dor parece ser a única; é ela quem ensina aos homens os múltiplos caminhos do amor, enlaçando-os em risos e lágrimas, no seu sofrer semelhante; ela que vivifica a cada instante o fato de realmente sermos irmãos do mesmo barro (Ely Vieitez Lanes, 1978).

Em nossa pesquisa, procuramos refletir, em um primeiro momento, sobre as relações estabelecidas entre a Literatura e Análise de Discurso, em outras palavras, sobre como se dá a produção de sentidos na materialidade discursiva de forma específica, nos contos de Conceição Evaristo. Porém, torna-se indispensável também uma reflexão sobre a literatura em si, sobre a forma pela qual um determinado texto pode ser considerado um texto literário. Trata-se, dessa forma, não de se estabelecer um conceito único do que realmente vem a ser a literatura, mesmo porque essa resposta jamais poderia ser única. O que trazemos em nossos

estudos são algumas formas de se pensar a literatura como manifestação social, cultural e histórica de um povo e como ela se manifesta como arte para quem a produz e para seus leitores. Além disso, tratamos a Literatura como ferramenta de resistência com base na teoria da Análise de Discurso. Abordaremos melhor essa questão no último tópico deste capítulo.

A literatura, ao longo do tempo, reflete o pensamento social, a ideologia que move os grupos sociais e seus anseios. Podemos perceber, com base em Peixoto (2011, p. 27), a literatura “não como espelho da realidade, e sim como espaço que também expressa possibilidades de devir elaboradas pelos grupos sociais em luta”. Dessa forma, os textos literários nascem da vivência, dos anseios, do dia a dia das pessoas. Porém, a literatura é livre, não se prende à realidade, não conta a realidade, mas, de certa forma, recria um viver e instaura novas formas de pensar e ver o mundo.

Conceição Evaristo (2020), em entrevista ao canal Leituras Brasileiras afirma o seguinte:

A literatura é a minha maneira de não adoecer, eu sempre penso nisso e, quando falo em não adoecer, é esse adoecimento emocional, porque a arte é uma válvula de escape e a literatura para mim é essa possibilidade que eu tenho de sair de mim mesma, de indagar o mundo, de inventar um mundo, de apresentar a minha discordância com o mundo.

Esse caráter que encanta o ser humano há tempos, que faz renascer um mundo novo nos livros e na “imaginação” de cada leitor faz da literatura essa arte infinita. Dessa forma, relacionamos a Literatura com o belo, com a distração ocasionada pela leitura, o que se aproxima do que Barthes nomeia como “texto de prazer”, sobre o qual falamos na apresentação deste trabalho. Um meio pelo qual se buscam novas realidades e, embora, tanto autor quanto leitor saibam que se trata de algo que não está presente na realidade cotidiana, todos se prendem e se rendem a essa nova visão de mundo porque ele nasce, muitas vezes, de uma realidade que aguarda, espera e luta por mudanças. Conforme já dissemos anteriormente, os textos em análise neste trabalho mostram a vida das mulheres de Conceição Evaristo muitas vezes, essas histórias nos assustam, nos chocam, pois apesar de sabermos que esses contos existem na vivência de muitas mulheres, não podemos aceitar tais violências. Por esse aspecto, o objeto de nossa pesquisa torna-se mais próximo dos “textos na fruição” e, ao mesmo tempo, reforça o sentido de resistência a essas memórias.

Em *O que é literatura*, Lajolo (1986, p. 7) parte da contradição entre as opiniões de dois importantes pensadores: Mc Luhan e Vítor Manuel Aguiar e Silva. O primeiro afirma “que já não serve para nada escrever e publicar livros” enquanto Aguiar e Silva (apud Lajolo) aponta que:

[...] a literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma sociedade dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem (AGUIAR e SILVA apud Lajolo, 1986, P. 7)

Assim, de acordo com Aguiar e Silva, podemos dizer que a literatura é meio pelo qual todos nós nos reconhecemos, ou reconhecemos nossos anseios, nossas contradições, enfim, nosso mundo interior, o qual, muitas vezes, se abre perante um livro, porque vemos nas histórias os nossos sentimentos.

Ainda com base nas reflexões de Lajolo (1986, p. 9), “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a leia. Ela só existe enquanto obra, neste intercâmbio social”. A autora chama a atenção para esse contato entre autor e leitor como aspecto relevante na denominação “obra literária”. Torna-se importante lembrar o conceito de função-autor, ao falar da autora Conceição Evaristo e colocarmos uma distinção entre autora e teoria. O que podemos afirmar em relação a função-autor é que o sujeito é da ordem da dispersão, enquanto o autor é da ordem da unidade; o texto se relaciona com autor, o discurso com o sujeito. Isso implica dizer que a relação entre sujeito – autor – texto é que o autor é incumbido de produzir o texto e, dessa forma, busca o efeito de unidade, da completude, de coerência (imaginárias), pois existem leis que regulam a escrita.

Mais adiante, Lajolo aponta o caráter capitalista existente nesta relação entre produtor e consumidor, ou seja, para que uma obra chegue até seu leitor há uma espécie de “corredor comercial”, que determina o que deve ser publicado, o que, segundo ela, “igualava a literatura a qualquer produto produzido e consumido nos moldes capitalistas” confundindo-se com marcas de produtos.

Outra questão importante apontada por Lajolo trata-se da validação das obras como obras literárias. Esse processo é realizado por instituições responsáveis pela análise e crítica dos textos e, enfim, pelo reconhecimento do caráter literário dessas obras. Esses órgãos reguladores são os intelectuais, a crítica, a universidade, a academia. E essas instituições, em muitos momentos, classificam as obras de acordo com o grupo social que irá recebê-las. Assim, regulamenta-se o que é

adequado ou não para ser lido nas escolas por exemplo. Podemos lembrar aqui o caso de várias obras, do Realismo principalmente, que encontraram diversos obstáculos em suas publicações, quantos romances foram objeto de protestos por conta das críticas produzidas a alguns setores da sociedade. Porém, essas formas de análise mudam com o tempo, aquilo que causa espanto e rejeição em determinada época pode ser bem aceito em outros momentos ou por outros grupos sociais.

É importante também verificarmos a definição de literatura. De acordo com o dicionário Aurélio, literatura é a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou em verso, pode ser também o conjunto de trabalhos literários de um país ou de uma época ou a carreira das letras; também pode ser o conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários; consta também que é a irrealidade, a ficção ou qualquer uso estético da linguagem. A primeira informação no verbete mostra que a palavra literatura nasce da palavra *littera*, que significa letra do latim, o que associa a literatura à noção de língua escrita. Lajolo (1986, p.29) aponta que esse significado remete a questões relacionadas a saberes intelectuais, de erudição, de conhecimentos gramaticais, pois, somente a partir do século XVIII, que a literatura passou a ter um significado próximo ao de hoje. “Aos olhos da nossa tradição cultural, o domínio da escrita vale muitos pontos. É timbre de distinção, atestado de superioridade intelectual, marca de valor: tanto para indivíduos quanto para civilizações”.

De acordo com essa questão, nota-se também um privilégio da linguagem escrita sobre a oral. O que marca como fatores de reconhecimento de um texto literário o fato de esse texto ser escrito, pois a arte de escrever representaria conhecimento, sentido sempre recorrente tanto nos nomes das universidades e cursos associados aos saberes intelectuais relacionados à linguagem escrita. Ter domínio da escrita significaria ter também requisitos para que o texto escrito tivesse uma predileção maior no campo da literatura. O que dizer por exemplo das apresentações orais improvisadas como as famosas pelepas ou os mais recentes *slams*, que hoje fazem parte de uma construção de identidade social e resistência de muitos jovens? São questões que ultrapassam os conceitos existentes e que mostram como definir literatura é algo de extrema complexidade. O que podemos fazer é trazer reflexões para essa questão importante para nossa pesquisa e uma dessas reflexões é sobre a literatura vista como algo que deve se manter preso na

nas palavras escritas, muitas vezes até sem o mesmo sentido produzido pela voz, pela expressão oral, facial e corporal... pelas roupas, cores, movimentos, pela liberdade dos movimentos e da arte. Para Lajolo (1986, p. 31):

Neste mesmo sentido – da elitização e do resfriamento do que se chama literatura – o nosso dia a dia também é eloquente: olhando à nossa volta, vemos como explode uma cultura rica em matizes visuais, riquíssima em sonoridades, tons e semitons. O corpo reivindica o espaço que tanto tempo a repressão confinou ao limite das roupas e dos movimentos sóbrios do decoro burguês. O corpo reconquistado explode em movimento, em dança, em sensações. Assim, movimento, sonoridade, visualidade geralmente ausentes (ou apenas latentes) no texto escrito manifestam-se gloriosamente na música popular, um dos refúgios contemporâneos da literatura.

Dessa forma, podemos ver como a literatura, entre conceitos e teorias que tentam explicá-la, percorre os caminhos do tempo e das expressões de um povo e de sua identidade. A literatura é acima de tudo social, é o saber e os anseios da sociedade e, assim como a própria sociedade, que assume comportamentos, gostos, rompe predeterminações e preconceitos assumindo novas formas de pensar e de viver, a literatura também vai construindo os seus lugares, suas formas e movimentos. Novos sons, novos sentidos e novas lutas também. Literatura é forma de resistência. Ao se imaginar um mundo novo a partir da realidade social, é possível também que se alcance um mundo novo, assim como o mundo se fez novo para o escritor Otávio, que encontrou um livro no lixo e, a partir de então, começou a procurar mais livros e montou “O livreiro do Alemão”, primeira biblioteca na Favela do Alemão. Otávio Júnior hoje é escritor e uma de suas obras é o livro *Da minha janela*, em que está estampado o colorido que se vê ao abrir as janelas em uma favela do Rio de Janeiro. Também, nesse livro, são contadas as histórias de outros meninos assim como ele. Trata-se de um livro que tem cores, movimentos, sons e sentimentos daqueles que vivem essas histórias. Cabe nesse momento, citar Lajolo (1986, p. 29):

[...] há uma profunda relação entre as obras escritas em um período – e que, portanto, configuram literatura desse período – e aquilo que, nestas obras, costuma ser identificado como específico literário. Desenvolve-se assim, uma espécie de diálogo ininterrupto entre a prática e a teoria literária. Em outras palavras: os conceitos de literatura são inspirados pela leitura das obras literárias. Reciprocamente, as obras literárias, por serem permeáveis ao intercâmbio, incorporam tais formulações, validando-as aos olhos de seus formuladores. Teoria e prática correm o risco de se repetirem uma a outra. A partir de certo momento, a quase perfeita identidade entre teóricos e escritores torna-se redundante. Eco recíproco, o texto literário e sua teoria chegam ao impasse do silêncio. A volta por cima é o momento da vanguarda, da subversão de tudo o que se disse e se fez em termos de literatura. É nessa subversão radical que a literatura retoma a sua dinâmica.

Brechas do aparato conceitual, linguagens novas no horizonte da produção literária. E recomeça o diálogo, não só do texto literário com sua teoria, mas da produção literária de um dado período com todo o conjunto de obras que o precedeu. Rompe-se aí o círculo vicioso de uma teoria e uma prática que constituem um espelho no qual se miram uns e outros.

Pensando nas questões que norteiam nosso trabalho, essa noção sobre literatura como algo que muda de acordo com os grupos sociais aos quais está relacionada, nos faz pensar nas questões ideológicas profundamente marcadas e que interferem na circulação de determinados movimentos artísticos. Quantos poemas não são lidos, músicas não são ouvidas, belíssimas histórias cheias de sentimento e poesia não são contadas. Os veículos pelos quais ocorre a circulação desses textos, muitas vezes, não transportam o que é novo ou aquilo que traz uma nova forma de produção literária.

Antônio Cândido (1988, p. 176), em seu texto “Direitos Humanos e Literatura”, trata a Literatura como um direito indispensável ao ser humano, assim como alimentação e moradia e, em seu sentido mais amplo, como um conteúdo presente na vida de todas as pessoas. De acordo com Cândido:

A literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos.

O autor continua a sua reflexão afirmando que a arte literária, além de estar presente em todas as camadas sociais, é mecanismo de amadurecimento de um povo, é registro da formação da identidade social e cultural de um povo:

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, causo, história em quadrinho, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura corrida de um romance (CÂNDIDO, 1988, p.176).

Nesse sentido, a importância da criação ficcional presente na educação, como disciplina indispensável nas escolas e na vivência das pessoas. Porém, ainda de acordo com Cândido (1988, p. 177), a Literatura atua na educação, na formação intelectual, mas também apresenta o seu papel social, pois a literatura tem seu papel crítico, mecanismo de resistência e mudanças:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes [...].

Isto significa que ela tem papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco.

Assim o caráter provocador da Literatura faz o seu caminho, inaugurando novas formas de manifestação, o que nos remete a autora dos contos em análise. Conceição Evaristo, em entrevista ao Canal CNN, questiona sobre os porquês de ela ter demorado tanto tempo para ser reconhecida no cenário literário. Seria uma não aceitação da mulher negra, nascida em uma favela, como uma referência em nossa literatura? Conceição Evaristo estudou, adquiriu vários conhecimentos e, no entanto, ainda precisou de muito tempo para estar onde está e manter sua literatura como meio de protesto contra a realidade da população negra, de forma mais específica, da mulher negra e suas vivências.

Lembrando a metáfora utilizada por Marcos Cezar de Freitas e Maurilane de Souza Biccas em *História Social da Educação no Brasil* (1926 – 1996), a educação assemelha-se a uma longa estrada, na qual muitos vão ficando para trás e perdendo-se na poeira do caminho. Trata-se de algo indiscutível, pois esses que ficam para trás são aqueles que sentem de forma mais próxima as mazelas de um estado carregado de desigualdades sociais.

Também é importante ressaltar (LAJOLO, 1986.) o papel da escola como instituição legitimadora de uma obra como clássica. A palavra clássica deriva da palavra latina *classis*, que tem como significado classe de escola. Dessa forma, as obras consideradas clássicas deveriam ser adequadas à leitura dos estudantes. Assim, o papel da escola era fundamental na qualificação de uma determinada obra. É algo que ainda está distante dos livros escolares a literatura produzida por negros. Lembramos sempre se Machado de Assis, porém autoras negras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo ainda são desconhecidas no contexto escolar ou estão agora se tornando, por meio de seus textos, autoras reconhecidas. Isso

depois de uma longa jornada, o que, de certa forma, retoma as questões citadas aqui que servem de norte para a classificação de um texto como literário.

Apesar de não se chegar a uma resposta para o que vem a ser a literatura, é importante que nós a estudemos e que possamos, assim, refletir sobre esse tipo de arte e relacioná-lo ao nosso objeto de estudos – os contos de Insubmissas lágrimas de mulheres – e porque eles vêm a ser hoje uma referência da literatura produzida por mulheres negras e, além disso, suas funções sociais e o que representa para a população negra de forma geral como mecanismo pelo qual as vozes negras possam ser enunciadas e ouvidas. É importante também, pensar em quais aspectos são capazes de dar aos textos da obra em análise a literariedade, conceito pelo qual hoje esses textos podem ser considerados literatura. Seriam aspectos relacionados às particularidades linguísticas, recursos estilísticos ou questões sociais ligadas às situações de produção e circulação desses textos.

Jonathan Culler (1999), em *Teoria literária uma introdução*, dedica um capítulo a reflexões sobre o que viria a ser a literatura e sobre elementos em comum que poderiam dar literariedade aos textos. Embora o autor não afirme que a definição de literatura seja algo de extrema necessidade, pois, segundo ele, textos literários e não literários são estudados sem muita distinção e, além disso, elementos ornamentais, tão característicos da literatura, também estão presentes em outros tipos de discursos, essa questão sobre o que é literatura deve ser objeto de estudos. O que Culler (1999) afirma é que não há uma fórmula que explique de maneira satisfatória a literariedade. O que pode ser constatado são alguns elementos comuns que servem como fatores de literariedade.

Culler (1999) examina cinco pontos teóricos que podem ser avaliados como elementos que proporcionam literariedade aos textos, porém, esses elementos não devem ser vistos como aspectos definidores e capazes de responder à questão sobre o que realmente é a literatura. Esses pontos teóricos viriam a ser aspectos da natureza da literatura, porém também são encontrados em outros textos.

O primeiro deles é “a literatura como a ‘colocação em primeiro plano’ da linguagem”. Nesse item, Culler (1999) fala sobre as diferentes formas pelas quais a linguagem se manifesta nos textos literários, o que, muitas vezes, faz com que ela pareça estranha em suas colocações e construções. Assim, o autor ressalta que a “linguagem em primeiro plano”, que se exemplifica por meio de rimas, repetições rítmicas e combinações verbais incomuns, é algo que atrai a atenção do leitor para

as suas estruturas linguísticas. Porém, elementos como esses dificilmente são percebidos pelos leitores a menos que já tenham o texto determinado como texto literário.

Outra característica relevante para o reconhecimento de textos como literários trata-se da “integração da linguagem”. Culler (1999), a partir de seus estudos, verifica que, na construção da literariedade, diferentes estruturas de integram. As estruturas gramaticais, estilísticas se relacionam com elementos exteriores ao texto e, dessa forma, produz sentidos em que se verifica a integração desses fatores na produção do texto literário. Porém, como afirma o autor, esses requisitos, apesar de estarem presentes em boa parte dos textos considerados literários, não são fatores determinantes para a literariedade, mesmo porque, esses elementos são encontrados também em outros tipos de textos, como, por exemplo, nas propagandas e trava-línguas. Gêneros textuais em que ocorrem a integração da linguagem e suas estruturas com elementos do contexto de produção, no caso das propagandas, e a linguagem em primeiro plano como acontece nos trava-línguas.

A ficcionalidade também é outro elemento considerável no que se refere à literariedade. Para Culler (1999, p. 38) “a ficcionalidade na literatura separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação”. De acordo com essa afirmação, a ficcionalidade estaria ligada à obra literária como uma forma pela qual se projeta um mundo ficcional por meio de seus personagens, enunciadore e receptores das mensagens. Porém, essa relação ficcional não estaria somente ligada a esses personagens, mas à forma como o autor se separa da voz que narra os textos, ou do eu lírico das obras poéticas, deixando a critério da interpretação do leitor o entendimento desses posicionamentos ideológicos, muitas vezes diferentes, de autor e narrador. Um exemplo disso são poemas, a voz que fala no poema pode ser de um falante bem diferente daquele que escreve o poema. Assim como o tempo citado nos textos literários (hoje, amanhã, agora) não se limitam a esse tempo real, mas a uma situação atemporal e as ações, pensamentos e sentimentos também são atemporais e universais. Isso devido a ficcionalidade presente nos textos e se materializa por meio dos dêiticos – elementos da linguagem que se relacionam com a elocução, pronomes, advérbios de tempo e de lugar. Para explicar a ficcionalidade dos textos literários como meio pelo qual se separa a linguagem de outros contextos

não ficcionais e faz com que ela se mantenha aberta à leitura e ao entendimento do leitor, Culler (1999, p. 39) cita o seguinte exemplo:

Interpretar *Hamlet* é, entre outras coisas, uma questão de decidir se a peça deveria ser lida como uma discussão, digamos, dos problemas de príncipes dinamarqueses, ou dos dilemas de homens na Renascença que estão vivendo a experiência das mudanças, na concepção do eu, ou das relações entre os homens e suas mães em geral, ou da questão de como as representações (inclusive as literárias) afetam o problema da compreensão de nossa experiência. O fato de haver referências à Dinamarca ao longo da peça não significa que você necessariamente a lê como sendo sobre a Dinamarca; essa é uma decisão interpretativa. Podemos relacionar *Hamlet* ao mundo de diferentes maneiras, em diversos níveis diferentes.

Continuando nossas reflexões a partir do texto de Culler (1999), outro elemento notável na literariedade dos textos seria a estética. Assim a literatura seria um caminho por onde se combinam as formas sensoriais com as espirituais. Nesse caso, os textos literários não teriam um objetivo externo além da própria obra de arte, do prazer ocasionado pela leitura.

O último elemento citado é “a literatura como construção intertextual ou autorreflexiva”. O autor explica a intertextualidade como a relação que os textos literários mantêm entre si. Um texto sempre retoma outro, seja para reforçar suas ideias ou para contestá-las. O caso da autorreflexividade trata-se de que “a literatura é uma prática na qual os autores tentam fazer avançar ou renovar a literatura e, desse modo, é sempre implicitamente uma reflexão sobre a própria literatura” (Culler, 1999, p. 41). Assim como afirma o autor, esses últimos elementos não determinariam o literariedade, pois a intertextualidade e a autorreflexão também são elementos encontrados em outros textos, mas “uma colocação em primeiro plano de aspectos do uso da linguagem e de questões sobre representação que podem também ser observados em outros lugares” (Culler, 1999, p.45).

Esses cinco casos apontados por Culler nos trazem uma importante contribuição para a reflexão sobre a literariedade dos textos. Porém, como reforça o próprio autor (CULLER, 1999, p. 42), a linguagem escapa aos conceitos:

Estamos lidando com o que poderia ser descrito como propriedades das obras literárias, traços que as marcam como literatura, mas também com o que poderia ser visto como o resultado de um tipo particular de atenção, uma função que atribuímos à linguagem para considerá-la literatura. Parece que nenhuma das duas perspectivas consegue englobar a outra de modo a tornar-se uma perspectiva abrangente. As qualidades da literatura não podem ser reduzidas a propriedades objetivas ou a consequências de maneiras de enquadrar a linguagem [...] a linguagem resiste aos enquadramentos que impomos. [...] Quando tratamos algo como literatura, quando procuramos padrão e coerência, há resistência na linguagem; temos que trabalhar em cima disso. Trabalhar com isso. Finalmente a

literariedade na literatura pode residir na tensão da interação entre o material linguístico e as expectativas convencionais do leitor a respeito do que é literatura. Mas digo isso com cautela, pois a outra coisa que aprendemos com os nossos cinco casos é que cada qualidade identificada como um traço importante da literatura mostra não ser um caso definidor, já que pode ser encontrada em ação em outros usos da linguagem.

Dessa forma, podemos entender a complexidade existente na conceituação de literatura, visto que se trata da linguagem em constante movimento de estruturas linguísticas e de sentidos. Culler (1999) encerra esse capítulo ressaltando o caráter paradoxal da literatura enquanto instrumento ideológico para mudanças ou aceitações sociais. O autor cita o poder da literatura para produzir resistência e lembra a obra *A cabana do pai Tomás*, de Harriet Beecher Stowe, que produziu uma revolta contra a escravidão e acabou influenciando a Guerra Civil norte-americana.

Os contos também, de forma indireta, são citados, por produzirem a ideia de “felicidade para sempre” para as mulheres após o casamento e, também, a literatura como meio pelo qual se produz “um mundo ideal” em determinados romances, fazendo com que a população de leitores se torne alienada em relação à realidade. Nas palavras do autor (CULLER, 1999, p. 46):

A literatura é a atividade de uma elite cultural e é o que se chama às vezes de “capital cultural”: aprender sobre literatura dá a você uma baliza na cultura que pode compensar de várias maneiras, ajudando-o a se entrosar com pessoas de status social mais alto. Mas a literatura não pode ser reduzida a essa função social conservadora: dificilmente ela é fornecedora de “valores familiares”, mas torna sedutores todos os tipos de crimes, da Revolta de Satã contra Deus, no *Paraíso Perdido*, de Milton ao assassinato de uma velha cometido por Raskolnikov, no *Crime e Castigo* de Dostoievski. Ela estimula a resistência aos valores capitalistas, às praticidades de ganhos e gastos. A literatura é o ruído da cultura assim como sua informação. É uma força entrópica assim como um capital cultural. E uma escrita que exige uma leitura e envolve os leitores nos problemas de sentido.

Com base nessas contribuições sobre a literatura, retomamos nosso objeto de análise e refletimos sobre o seu papel enquanto obra literária. Literária pelos sentidos que provoca? Literária pelas construções linguísticas ou simplesmente porque fala da “realidade” da mulher negra em uma nova perspectiva e, assim, sugere um movimento de resistência aos elementos opressores da sociedade? Talvez não tenhamos uma resposta para explicar a literariedade nos textos de Conceição Evaristo, porém, o que podemos pensar é no seu caráter de uso da linguagem em uma expressão literária como elemento que aponta para uma agitação na rede de sentidos (do cânone literário, de dominação social). Ao contar as histórias dessas vozes silenciadas por tanto tempo, Evaristo (ou a narradora, pois é muito

comum a dificuldade em separar a escritora Evaristo da mulher negra escritora e da voz que narra as histórias) coloca-as em um outro movimento, na direção da insubmissão ao sistema, ao já-lá das posições sociais cristalizadas historicamente. Assim, as histórias dessas mulheres não promovem apenas o entretenimento da leitura, mas um sentimento de independência em relação às amarras, que por muito tempo, fizeram-nas invisíveis em uma sociedade patriarcal e preconceituosa.

1.2 Literatura e análise de discurso

A palavra escrita de Conceição Evaristo, conforme afirma a própria autora, é um caminho pelo qual se torna possível uma aproximação maior com o leitor e, de forma mais específica, com o leitor atento às (escre)vivências negras. A vida da população negra se encontra nas palavras de Conceição Evaristo e, às vezes, “sangram” porque são carregadas de sentimento, um sentimento forte de luta, de busca por uma nova forma de se fazer presente. A escritora, por meio da literatura, torna presente as histórias da população negra e, ao mesmo tempo, se torna presente na literatura como uma escritora negra, que escreve de forma profundamente marcada pela experiência de mulher negra na sociedade brasileira.

A literatura, além de ser uma forma de entretenimento, apresenta também esse caráter social, de transformação social e humana. Retomamos, por exemplo, os poetas exilados durante a Ditadura Militar e o sonho da liberdade embalados pelas canções de Chico Buarque, Geraldo Vandré, entre outros. Esses versos enchiam de força os corações dos jovens para que não deixassem de lutar e para que não permitissem que “a roda viva” mandasse em seus destinos.

Porém, nosso objetivo aqui é tratar da literatura por meio da leitura da Análise de Discurso. Dessa forma, procuramos essa relação, já que a materialidade literária se faz por meio da língua e produz sentidos por meio da história. É a produção de sentidos que nos chama à atenção, já que a literatura é um espaço rico e profícuo para a linguagem.

Outro aspecto importante de a literatura ser objeto de estudos da Análise de Discurso é o poder de alcance que tem em relação à sociedade. A análise de discurso busca compreender os sentidos levando em conta seus aspectos históricos

e sociais, bem como a especificidade da língua, que como tal, se constitui na equívocidade.

A arte se faz livre e, por meio dela, muitos se tornam mais livres também. Nas histórias lidas, escrevivências que realmente acontecem ao longo da vida. Nas palavras que compõem essas histórias, as escrevivências de cada personagem são lidas como histórias nossas e são capazes de fazer com que tenhamos mais coragem ou que olhemos para nossos pensamentos mais íntimos e reconheçamos que não estamos sozinhos.

Nossa análise se ampara nos aspectos discursivos do texto literário. A partir do entendimento do texto como uma materialidade significativa, procuramos analisá-lo em sua relação com o sujeito, a língua e a história. O texto literário é uma forma de reprodução da realidade em toda a sua estrutura, embora não tenha a obrigatoriedade da verdade, ele busca imitar a realidade. Por meio do texto, histórias são criadas, movimentos sociais são produzidos e isso tudo com reflexo do ser sujeito de discurso, interpelado pela ideologia. Peixoto, (2011, p. 27), fala sobre a literatura “não como espelho da realidade, e sim como espaço que também expressa possibilidades de devir elaboradas pelos grupos sociais em luta”. Dessa forma, podemos dizer que a literatura parte da realidade de nossos dias, das condições de produção da realidade social e histórica dos determinados grupos.

Copagnon (2006, p. 135) também traz uma reflexão sobre a literatura não como algo que represente a realidade, mas procura recriá-la, pois suas histórias partem do real.

A literatura explora as propriedades referenciais da linguagem; seus atos de linguagem são fictícios, mas uma vez que entramos na literatura, que nos instalamos nela, os funcionamentos dos atos de linguagem fictícios é exatamente o mesmo o dos atos de linguagem reais, fora da literatura.

Para nossa análise, procuramos os sentidos dessas vozes das histórias narradas. Vozes de mulheres negras, (escre)vivências negras em uma materialidade literária. Porém, como citamos anteriormente, em uma materialidade literária que representa a realidade da vida dessas mulheres, suas histórias e sentimentos, assim como, a todo o momento, é possível também ouvir a voz da própria escritora, que se mistura às vozes de todas as outras mulheres. Por que são negras? Por que são mulheres? Por que são pobres? Por que resistem? Por que choram? Esses são alguns dos questionamentos que norteiam as nossas análises porque são questões que interligam a obra literária em análise com as personagens, com as leitoras

negras, brancas, mulheres, com os homens... e são questões ligadas à realidade de um determinado grupo social em constante luta por um espaço de reconhecimento e assim, produz seus sentidos.

Teixeira (2019), em *A língua: ponto de relação entre Linguística e Literatura*, aponta para a questão do autor da obra. Aquele que escreve acaba colocando em suas obras pensamentos e posições ideológicas que estão diretamente ligadas à realidade social em que se insere. O que remete ao nosso trabalho de pesquisa ao analisarmos a posição-autor Conceição Evaristo. Ela, em sua obra, define claramente a sua posição de mulher negra na sociedade, mulher em luta, mulher em resistência. Em entrevista ao Canal Leituras Brasileiras, Evaristo afirma que a literatura é o meio pelo qual “reinventa-se” o mundo, é por meio da literatura que se questiona e que se discorda da realidade. A literatura, de certa forma, supõe um diálogo, veículo pelo qual se chega ao outro, ao sujeito leitor e, dessa forma, cria um movimento de luta e de reconstrução de um jeito novo de ver o mundo e as pessoas. Ainda na mesma entrevista, Evaristo pede que os leitores a conheçam não pela sua biografia, mas pela sua escrita. Em seus textos é possível visualizar a mulher Conceição Evaristo, mulher negra, ou melhor, as escrevivências do povo negro de forma geral e da mulher negra de forma específica.

Ainda com base em Teixeira, a partir das reflexões de Lajolo (1994, p. 16), “a obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que o outro a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio cultural”. Assim, podemos definir que a obra literária como resultado social lido e interpretado por meio de diferentes olhares. Leituras que significam de acordo também com a posição leitor, diferentes sentidos diretamente ligados às condições de produção e a historicidade do texto.

Orlandi (2015, p. 66) traz uma importante definição sobre a historicidade do texto:

Quando falamos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto, mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso. O trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele), mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito.

Dessa forma, torna-se importante para nós, em *Análise do Discurso*, essa relação do texto com a história, as marcas das transformações sociais e humanas que vão construindo sentidos ao longo do tempo e esses sentidos se produzem nas

formulações dos textos, afetados pela exterioridade. Um texto que fala sobre a mulher negra escrito por uma mulher negra significa de forma diferente. Trata-se, pois, de um sujeito que fala de si, com um olhar voltado para os acontecimentos que o constituíram como sujeito de discurso, embora essa constatação não seja clara para ele. Mesmo que para ele isso não seja algo visível, é o processo da linguagem na produção de sentidos. Na literatura o sujeito é capaz de criar um mundo e cria também a sua forma de ser representado- o e significando- o ao mesmo tempo. Isso porque o sujeito se inscreve em funcionamentos ideológicos que se fizeram presentes na sociedade com a qual teve contato.

Além da análise desse sujeito autor, é também importante que analisemos a relação que o autor mantém com o seu leitor. O leitor, por sua vez, irá interpretar o texto a partir dos dispositivos ideológicos que o constituem como sujeito leitor. No texto literário produzido, há vozes que vêm de uma realidade, no caso de nosso objeto de análise, são vozes que, muitas vezes vêm das favelas, das cozinhas de pessoas ricas, das bicas onde roupas brancas e ricas são lavadas, vozes que vêm também da solidão e do silêncio imposto àqueles que não têm o direito de falar vozes reais, vozes que contam histórias reais e que também resistem por meio de suas histórias e suas vozes.

Essas reflexões remetem às condições de produção desse discurso produzido por meio da obra em análise, é importante que pensemos nessa questão a fim de estabelecer um pensamento a respeito da produção de sentidos na voz de Conceição Evaristo, o sujeito autor Conceição Evaristo. Para Orlandi (2015, p. 37), um dos fatores que constituem as condições de produção do discurso é as relações de força. Mecanismos pelos quais os sentidos vão se estabelecendo de acordo com a posição que o falante ocupa na sociedade.

Segundo essa noção (relação de forças), podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se ele falasse do lugar de aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno.

Assim, procuramos associar a posição do sujeito autor em seus textos como um sujeito que fala de si e de outros por meio das vozes presentes nas histórias contadas. Trata-se, assim, de um sujeito que escreve a partir do lugar de escritora

negra, escritora que já viveu em uma favela, negra que estudou e hoje é reconhecida fora de seu país. Torna-se, dessa forma, impossível dissociar o sujeito escritora do sujeito mulher, mulher que viveu e se encontra em outras escrevivências de outras mulheres, que assim como ela, viveram as mesmas lutas: “Da voz outra, faço a minha, as histórias também”. Essa voz produz sentidos de forma diferente, é a voz de um sujeito que viveu os sentimentos das histórias narradas. Outra questão importante é que esse lugar, de que fala a escritora, torna-se a posição sujeito escritora e não exatamente a posição social que ocupa. Em outras palavras, essa posição-sujeito se ampara no conceito de formações imaginárias. Assim, o que constitui a posição sujeito autora é, em nossa análise, a imagem que se tem da mulher escritora Conceição Evaristo e tudo que essa imagem carrega está diretamente associado ao social, ao histórico e à memória do dizer. Com base nas reflexões de Orlandi (2015, p. 38):

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). [...] Na relação discursiva, são as imagens que constituem as diferentes posições. E isso se faz de tal modo que o que funciona no discurso não é o operário visto empiricamente, mas o operário enquanto posição discursiva produzidas pelas formações imaginárias.

Em nossa pesquisa, o objeto em análise trata-se de uma materialidade literária – a obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* – dessa forma, é sobre as noções de sujeito-autor que devemos refletir. Para Teixeira (2019, p. 250):

Em se tratando de uma materialidade textual-literária, a posição de sujeito-autor é uma posição de um sujeito histórico, assujeitado ideologicamente, por ocupar uma posição-sujeito na formação social que o constitui. Assumindo essa posição sujeito o autor projeta outros e diferentes sujeitos, que ocupam diferentes posições no discurso literário.

No caso de nosso *corpus*, o sujeito autor assume sua posição-sujeito nos textos produzidos e, ao mesmo tempo, aponta, por meio de suas personagens, outras posições-sujeito: a mulher negra em luta, em resistência; o homem, muitas vezes com comportamentos que apontam para posições que refletem um comportamento impregnado de elementos constituintes de uma sociedade marcada pelo machismo. É por meio dessas personagens que a escritora, sujeito-autor, coloca seus textos como ferramentas de resistência.

1.3 Apontamentos sobre a questão da resistência

“Maldito aquele que rompe este pacto do silêncio tagarela: ele corre o risco de se tornar ipso-facto um espectro visível de adversidade” (PÊCHEUX, 1990, p. 15). A partir das reflexões de Pêcheux, podemos, em nossa pesquisa, tratar do que se refere a resistência aos olhos da Análise de discurso. Em nosso trabalho, torna-se uma questão fundamental, pois, nos textos de Conceição Evaristo, poderíamos afirmar que existe um processo de resistência em relação as forças opressoras que, ao longo dos anos, foram se instaurando em nossos movimentos linguísticos? Obviamente, essa é uma questão de muita complexidade, porém, não pode deixar de ser abordada como elemento imprescindível para nossa pesquisa. É necessário também, antes de verificarmos se haveria ou não a presença do discurso de resistência nos contos da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, procurarmos um entendimento sobre o que é o conceito de resistência na perspectiva da Análise de Discurso.

Partimos do conceito de assujeitamento, no qual o sujeito, constrói sentidos a partir das relações com a exterioridade e com as ideologias em funcionamento. Compreendemos o processo de assujeitamento ideológico como um processo interior e involuntário do sujeito do discurso. Nas palavras de Orlandi (2015, p.45):

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetada pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever.

Porém esse processo de assujeitamento ideológico, que ocorre na relação da língua com a história, também está sujeito a falhas, a incompletudes tanto no que se refere à língua, quanto à história. Os sentidos se constituem também na incompletude e, embora o processo de assujeitamento seja algo regido, também está sujeito a novas possibilidades, é nesse movimento em que se apresentam as falhas, em que se produzem novas formas de significação. Daí surgem os deslizamentos, as derivas e, assim, os sentidos vão traçando seus percursos e, muitas vezes, deslizando para outros sentidos. Orlandi (2015, p. 51) explica esse movimento:

Em termos teóricos, isso significa que trabalhamos continuamente a articulação entre estrutura e acontecimento: nem o exatamente fixado, nem a liberdade em ato. Sujeitos, ao mesmo tempo, à língua e à história, ao estabilizado e ao irrealizado, os homens e os sentidos fazem os seus percursos, mantêm a linha, se detêm junto às margens, ultrapassam limites, transbordam, refluem. No discurso, no movimento do simbólico, que não se fecha e que tem na língua e na história sua materialidade.

Dessa forma, cabe a nós o questionamento sobre esses sujeitos e até que ponto o processo de assujeitamento de produz de forma que chegue ao ponto de constituir um novo sentido, uma forma de contestação da realidade, de revolta e de interesses e lutas por mudanças, que podemos chamar de resistência. Como a história nos mostra, as grandes revoluções aconteceram por um mecanismo linguístico que atesta o poder da linguagem como ferramenta de mudanças. Michel Pêcheux (1990), em seu texto *Delimitações, inversões e deslocamentos*, cita a Revolução Francesa como um acontecimento histórico que se deu por meio da linguagem. Por meio desse texto, podemos compreender que a resistência na linguagem se trata de um movimento que acontece não por motivações externas, mas pela não identificação do sujeito com os sentidos propostos pelas forças dominadoras.

Michel Pêcheux (1990) utiliza, nesse texto, uma comparação entre as grandes revoluções e a linguagem. Tanto as revoluções, quanto a linguagem apresentam uma relação entre o visível e o imaginário. Esse invisível, o alhures que empolga as pessoas a lutarem pela revolução, o que Pêcheux cita por meio do termo “espectro” – desde há duzentos anos, alguns espectros começaram a assombrar a Europa e a circular pelo mundo: o da Revolução Francesa, de 1789, depois, o das revoluções socialistas do século XIX (p. 7 - 8) – seria esse mesmo sentimento de revolta com as forças dominadoras. Esse sentimento, esse “espectro” faz com que haja uma organização entre aqueles que estão em busca de mudanças e que não se encontram e, ao mesmo tempo, não se aceitam nas condições em que forçadamente foram colocados. Algo se revolta, esse espírito invisível toma conta dos pensamentos até que, em dado momento, ele se torne visível nas batalhas que fazem parte das revoluções, das concentrações que acontecem pelas ruas, em frente aos patrimônios públicos e, de forma infinita, pelas ferramentas da Internet.

Assim a linguagem também produz suas revoluções, na relação do real com o imaginário, o simbólico.

Pêcheux (1990) cita três importantes momentos da História, os quais são capazes de evidenciar como essas transformações sociais e ideológicas são transformações que ocorrem, sobretudo, pela linguagem. O primeiro momento refere-se à Revolução Francesa, movimento pelo qual o poder feudal-monárquico se desmorona e dá lugar à classe burguesa como detentora de poder. Essa revolução apresenta como elemento linguístico a própria resistência que se inscreve no simbólico, no alhures, que mesmo silenciado durante séculos, um dia também se revolta e transforma o invisível em algo real e, dessa forma, instaura uma o seu lugar de fala. O que Pêcheux ressalta dessa revolução é o fato de que o poder feudal acreditava na existência de uma barreira linguística, a qual colocava apenas a classe dominante como capaz de se comunicar. Apenas uma pequena parcela da população, o clero e a nobreza, teria o poder e o espaço de fala. Ao rei caberia o papel de detentor único da comunicação enquanto mecanismo de representação de um povo. Como não havia uma política de línguas, o processo comunicativo na classe trabalhadora se fazia por meio dos diversos falares, que permaneciam sem grandes mudanças desde a Idade Média. Dessa forma, a classe trabalhadora era considerada como incapaz de se comunicar, tornando-se assim “espectador mudo” da nobreza e do clero.

Com o fortalecimento da classe burguesa, esses que, até então, eram considerados como elementos incomunicáveis pela existência de uma barreira linguística, passam a fazer parte do “nós” da sociedade burguesa. Esse mundo “inexistente”, silencioso e silenciado ganha corpo e existência durante a dominação burguesa. Os quais representavam plateia dos discursos religiosos tão impregnados pela ideologia feudal, de controle e domínio, dão lugar àqueles que festejam a Revolução. Com um novo olhar sobre si mesmos, os burgueses têm como objetivo estabelecer uma língua nacional e a alfabetização e o aprendizado. “O inexistente irrompeu materialmente, e as barreiras visíveis se desmoronaram, arrastando com sua queda a ideologia feudal” (PÊCHEUX, 1990, p. 10).

A dominação burguesa surge, então, com o compromisso de romper essa barreira da linguagem, que, durante tantos séculos, tornou inexistente aqueles que pertenciam à classe trabalhadora. Dessa forma, há uma proposta para o estudo da Gramática e, assim, o fortalecimento do projeto de uma língua nacional. Porém, mais uma vez, fica estabelecida uma barreira linguística, fortalecida pelo ideal capitalista de um sistema de exploração do trabalho e disfarçada sob o projeto burguês de

unificação por meio da instituição de uma língua nacional. Essa divisão se produz por meio de um projeto de ensino que reservava o estudo completo da língua sobre o modelo do latim à classe dominante, enquanto às massas era oferecido um estudo simplificado, reservado à análise da frase simples. Essa barreira, não separa dois mundos, ela os atravessa e, assim, surgem dois espaços de significação: os mesmos dizeres produzem diferentes sentidos nos dois lados desse espaço.

Mais uma vez a divisão, mais uma vez o inexistente: a classe trabalhadora, desprovida de direitos, restrita a um projeto de ensino que busca, na verdade, a perpetuação de uma classe incomunicável, silenciada, movida pela força física, pela produção sistemática do trabalho e do capital. O irrealizado disfarçado pelo discurso aparentemente democrático da burguesia. Então, para os revolucionários do século XIX, era tempo de mudar a base daquele mundo e diminuir as diferenças impostas. Nas palavras de Pêcheux (1990, p.12):

A revolução socialista aparece como o *inexistente* específico do mundo burguês, cujo advento é o único que pode realizar “a transparência da produção social” para os próprios produtores e por eles; o discurso revolucionário socialista se constrói (nas sociedades europeias do século XIX) em torno da barreira política invisível que protege o Estado: ele consiste em denunciar a sociedade tornando visível o seu “irrealizado”; ele se encarrega de reunir, convencer, organizar e politizar o proletariado, tornando-o visível *para si mesmo*, de sorte que, novo sujeito da História, este se lance à “luta final”: o mundo vai mudar de base.

No entanto, essa revolução socialista, aos modos de Marx não acontece de forma efetiva. Mais tarde, nas revoluções do século XX, esse caráter linguístico volta a ser um dos elementos fundadores. Em outubro 17, novamente a língua, assim como na revolução de 1789, é instrumento de unificação e estabelecimento de poder. Assim, os estudos relacionados à aprendizagem sobre a língua, a cultura são parte do projeto político dessa época. Porém, esse projeto, diferente do projeto de ensino propagado pelos burgueses, tinha como objetivo preservar a diversidade linguística da URSS, porém, esse plano acabou entrando em contradição com a necessidade do estabelecimento de uma língua política, para administração do país.

Esse sonho socialista também não acontece conforme havia sido planejado e, assim, surgem fronteiras mais uma vez, visíveis e invisíveis, fronteiras que separam fisicamente, mas também separam a ideologia, os sentidos, assim novos espaços de significação, em que os mesmos dizeres significam de forma diferente. Mas, como Pêcheux (1990, p. 16) afirma que “parece mais interessante, à luz das mudanças, de forma que acabamos de evocar, questionar *de onde veem os*

discursos revolucionários, como eles se constituem historicamente, na sua relação com o inexistente, com a irrealidade e com o impossível”.

É justamente essa questão que nos instiga, trata-se da reflexão sobre a composição dos discursos de resistência no “inexistente” tornando-o visível e real. É esse discurso que busca mudanças, promove revoluções e faz caminhar o sonho incansável da humanidade: a luta por mudanças.

Para Pêcheux, nesse tipo de análise - sobre o discurso revolucionário - não se deve buscar uma origem na crença em um discurso teórico, que venha a provocar de forma exterior uma revolução. Também não se trata da existência de um “germe revolucionário” presente no interior das classes dominadas como um efeito exterior sobre um “trás-mundo”.

O que deve ser observado é o caráter ideológico das revoluções, que acontece como um processo de dominação interna na própria ideologia das classes dominadas. Retomamos aqui a noção de interpelação ideológica do sujeito e suas falhas, que evidenciam a não existência do assujeitamento perfeito. Sobre isso, Pecheux (1990, p. 17) afirma o seguinte:

E acrescentaremos que levar até as últimas consequências a interpelação ideológica como ritual supõe o reconhecimento de que não há *ritual* sem falha, desmaio ou rachadura: “uma palavra por outra é uma definição (um pouco restritiva) da metáfora, mas é também o ponto em que um ritual chega a se quebrar no lapso ou no ato falho.

Falar do discurso revolucionário implica falar sobre a resistência que se instaura durante o processo de dominação ideológica. Pêcheux acerca da resistência (1990, p. 17):

Resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como se fosse uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico, jogando com as palavras.

Silva Sobrinho (2021), em seu artigo intitulado *Discurso, arte e resistência: sentidos “incômodos” no samba-enredo da Mangueira* também nos traz uma importante contribuição. Em seu texto, Silva Sobrinho trata, com base na teoria da Análise do Discurso, de Michel Pêcheux, da resistência em uma materialidade discursiva artística: o samba-enredo da escola de samba Estação Primeira da, no carnaval Mangueira. Assim como em nossa pesquisa, em seu artigo a materialidade artística é analisada como prática de resistência capaz de fazer críticas aos poderes

dominantes e, dessa forma, buscar uma posição de fala e de enfrentamento a essas desigualdades que marcam de forma tão profunda a nossa sociedade. Silva Sobrinho (2021, p. 53):

Desse modo, vamos ao encontro do gênero musical, samba-enredo, como uma forma de materialidade do discurso e, ao mesmo tempo, como uma expressão artística. Materialidade do discurso porque é produzido por/para sujeitos em uma determinada sociedade e produz efeitos de sentido na história. Expressão artística porque se trata de um discurso que, remetido ao real, apresenta-se em música numa linguagem estética que lhe confere o status de arte³. Podemos também dizer que o samba, ao materializar a voz do excluído, satiriza a sociedade e produz crítica ferrenha. Assim, o samba-enredo do qual estamos tratando expressa, através da arte, uma crítica social e anseia por liberdade.

O anseio pela liberdade se traduz em práticas de resistência e a arte tem também esse objetivo. Por meio dela, se materializam as vozes daqueles que são excluídos e o incômodo é inevitável. O carnaval é a maior festa popular do Brasil e o palco da alegria que não é aquela alegria folclórica, à qual Conceição Evaristo se refere em entrevista à BBC Brasil no Rio de Janeiro, em que a escritora faz uma crítica sobre como a fortaleza da população negra é muitas vezes compreendida: “Não a fortaleza folclórica que por vezes se atribui a um povo negro que não sente dor, que está sempre a cantar, que tem uma alegria já por herança, e sim a fortaleza da resiliência que nos agrega e que nos salva (Evaristo, 2018). Em nossos estudos, de acordo com Análise de Discurso, essa “fortaleza” e essa “resiliência” tão marcante na população negra e que os “agrega” e os “salva” pode ser compreendida como um mecanismo de resistência, que nesses casos, dessas análises, buscam o meio artístico para formularem e fazerem com que circulem os discursos e, assim, produzir o “incômodo” citado por Silva Sobrinho.

Sobre a questão da resistência, conceito de grande importância em nosso trabalho, trazemos a seguinte reflexão nas palavras de Silva Sobrinho (2021, p. 54):

Para nós, sobretudo, a resistência é uma tomada de posição no conflito que, para que tenha sua eficácia, precisa ir ao real da história e buscar o caráter material do sentido, pois toda prática de resistência enfrenta os conflitos político-ideológicos para encontrar alternativas de transformação.

Abordamos o samba-enredo como uma “arte de levar aos extremos as questões imperdoáveis”. Nesse efeito metafórico, compreendemos que as escolas de samba, em suas expressões artísticas, não apenas nas letras do samba, mas também em outras formas cotidianas de existência, são capazes de fazer pensar questões incômodas que nos dizem respeito. São, para nós, formas de resistência política.

Assim, pensaremos em nosso objeto de pesquisa como uma materialidade literária/ artística que marca uma posição em relação a uma memória (as memórias da escravidão, da violência, da miséria, da exclusão e do preconceito) e, dessa

forma, realiza um conflito com as posições políticas-ideológicas inscritas e enraizadas ao longo da história. Os contos de Conceição Evaristo, assim como boa parte dos enredos de escolas de samba, tratam de questões polêmicas e, como foi dito anteriormente, causam incômodo porque falam das mulheres negras em sua realidade, realidade que também é da autora, uma realidade de violência, de pobreza, de preconceito. Grandes defeitos que se arrastam em nossa sociedade até os dias atuais. Porém, as mulheres desses contos buscam uma outra realidade, lutam contra essas memórias, resistem à violência, mas também choram. Por que são mulheres? Não. Porque são seres humanos e têm suas razões para chorar. Mas as suas lágrimas não já não são mais submissas, são *(In)submissas Lágrimas de Mulheres*.

Outra reflexão que nos ampara por abordar o conceito de resistência em Análise de Discurso e pela aproximação em relação aos objetos de análise (obra literária de Conceição Evaristo – *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* - e o samba-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, em 2020 - *A verdade vos libertará*) é a seguinte, nas palavras de Sobrinho (2021, p. 55):

Nessa rápida retomada, pode-se notar que enredos que tocam em questões incômodas são sempre alvo de grandes polêmicas e até de censuram seus enredos, problematizam nossa formação social, questionam as narrativas dominantes, trazem outras perspectivas de leitura, levam sua crítica à avenida e fazem circular outras interpretações. E, por outro lado, resistem porque precisam firmar suas tomadas de posição para continuar existindo e apresentar seu carnaval. Trata-se de uma forma de fazer história e estar na história da sociedade brasileira não como espectadoras, mas como agentes. E isso não foi diferente com a Mangueira em 2020.

As expressões artísticas como o Carnaval, as músicas e as obras literárias são meios pelos quais os discursos são formulados, produzidos e circulam de forma mais abrangente e, assim, constituem um momento de luta pela transformação social e ideológica que ocorre por meio da linguagem. Por meio desses “lugares”, circulam os discursos - muitas vezes, discursos de resistência - é o momento de mostrar a voz, de mostrar existência e força por meio da voz. Zoppi Fontana (2002, 2003, p. 66) traz a seguinte reflexão sobre o “lugar de enunciação”:

Os lugares de enunciação, por presença ou ausência, configuram um modo de dizer (sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa) e são diretamente afetados pelos processos históricos de silenciamento. Esses modos de dizer mobilizam as formas discursivas de um *eu* ou um *nós*, de cuja representação imaginária a enunciação retira sua legitimidade e força performativa. É a partir desses lugares de enunciação, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência.

Falar de revolução e resistência é algo ainda muito presente e necessário em nossos dias e em nossa sociedade. Pensando no objeto de análise de nossa pesquisa, no campo da Análise de Discurso e da Literatura, o que poderíamos chamar como essas transgressões de “regras”, citadas anteriormente por Pêcheux, que denotam as posturas de resistência? As personagens de Conceição Evaristo (personagens reais? Imaginárias a partir da realidade? Aprofundaremos nossos estudos sobre essa questão no capítulo 3) em suas falas, em seus gestos e posturas estariam, assim como disse Pêcheux, em um processo de resistência em relação aos discursos da classe dominante? As personagens de Conceição Evaristo já não ficam mais nas cozinhas das casas grandes, não vivem de lavar roupas caras de gente que nem sabe quais são os seus nomes. “Lavadeiras talvez!” Ou às vezes “cozinheiras e de mão cheia!”. Não são mais, como na maioria dos casos, as empregadas domésticas, sem espaço, sem voz e sem direitos como era até há pouco tempo (somente em 2015 a presidenta Dilma Rousseff sancionou a regulamentação da lei dos empregados domésticos). As mulheres de Evaristo, assim como a própria escritora, ocupam hoje outros espaços, o que será melhor analisado nos capítulos seguintes de nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2: O FUNCIONAMENTO DO NOME PRÓPRIO EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Sonho os dias da menina
e a vida surge grata
descruzando as tranças
e a veste surge farta
justa e definida
e o sangue se estanca
passeando tranquilo
na veia de novos caminhos,
esperança.
(EVARISTO, 2008, p. 25)

Neste capítulo, fazemos uma análise discursiva dos nomes próprios e da relevância que apresentam enquanto discurso de resistência a uma memória – afetiva, histórica e ideológica. Seleccionamos para a análise o conto Natalina Soledad. Nos amparamos das reflexões de Ferrari (2008) e Bethânia Mariani (2014).

2.1 Natalina Soledad – a mulher que escolheu o próprio nome

Tomamos como parte do objeto de análise o conto Natalina Soledad, a história da mulher que escolheu o próprio nome. Conforme dissemos, essa história faz parte também da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*, da escritora Conceição Evaristo. Esse livro traz como temática o sofrimento e a resistência da mulher negra. Nenhuma delas se coloca como vítima em suas vivências. Pelo contrário, elas, com muita força, conseguem deixar para trás as dores pelas quais tiveram que passar.

Durante esses estudos, procuramos analisar a imagem da mulher a partir da questão do nome próprio. Para isso, apoiamo-nos em alguns estudos na área da Análise de Discurso, bem como na Semântica da Enunciação, para analisar o funcionamento do nome próprio. Para a análise deste conto, tomamos principalmente a pesquisa de Ana Josefina Ferrari (2008). Em seu estudo sobre o nome dos escravos a partir de descrições em anúncios de fuga nos jornais de Campinas, em 1870 e 1876, Ferrari parte do pressuposto de que a imagem do escravo é formada a partir da *voz do dono*. É na enunciação do dono, que se constrói

a identidade do homem negro, a partir de suas características físicas e psicológicas. O sujeito dono de escravos nomeia com base em sua posição. Dessa forma, o escravo não poderia sequer se constituir como um sujeito social, uma vez que, em muitos lugares, não era permitido que se falasse. Porém, em outros espaços em que os negros poderiam circular e se comunicar, como nas senzalas por exemplo, o ato de nomeação seria a partir de outra posição sujeito, daqueles que constituem esses espaços sociais.

No caso dos escravos, analisado por Ferrari, o nome dado a partir da posição - sujeito escravo e a fuga constituiriam um ato de resistência. No conto Natalina Soledad, são formadas duas imagens da mulher, uma a partir da posição-sujeito pai, que a nomeia de Troçoleia Malvina Silveira. A outra, que representaria a luta da mulher para se desfazer de uma imagem negativa, o nome escolhido por ela, após trinta anos, seria o seu ato de resistência contra os desatinos do pai e de parte da sociedade. É quando ela se nomeia de Natalina Soledad.

Também nos apoiamos, para esta análise, no trabalho de Bethânia Mariani (2014), intitulado *Nome próprio e constituição do sujeito*. Nesse texto, Mariani discute a constituição do sujeito e o nome próprio a partir de reflexões de Guimarães (2002) e Lacan (1961).

Na história de Natalina Soledad, narrada em terceira pessoa, pela Conceição Evaristo, lemos um pouco da história de vida (conforme a escritora, “a história de Natalina era muito maior”) dessa mulher que nasceu depois de sete irmãos, todos homens. Fato que não foi aceito pelo pai, ele que vinha de uma família em que os homens não faziam filhas. Nas palavras do pai da protagonista, a revolta pelo nascimento da menina: “Como podia ser? – Pensava ele – de sua rija vara só saía varão! Estaria falhando? Seria a idade? Não, não podia ser... Seu avô, pai de seu pai, mesmo na idade avançada, na quinta mulher havia feito um menino homem” (EVARISTO, 2011, p. 20).

A narradora reproduz, na voz do pai, o descontentamento e a perplexidade desse homem. O que sugere uma visão em relação à mulher. Por que “não podia ser?”. Ter uma filha poderia sugerir, na visão do pai, dúvidas a respeito de sua masculinidade. O que reflete a construção ideológica pela qual esse sujeito foi interpelado ao longo de sua história de vida. Esse discurso, na realidade dessa família, com exceção de Natalina Soledad, é compreensível, uma vez que até mesmo a mãe da protagonista se sujeitava a esse tipo de tratamento sem nenhuma

forma de resistência. De forma que podemos observar que se trata de uma questão social e histórica.

Como uma espécie de vingança, o pai nomeia a filha com o nome Troçoleia Malvina Silveira. A mãe da menina, mulher resignada, convicta do que para ela seria uma condição inferior à de mulher, aceita esse nome para a filha e também passa a desprezá-la, pois o marido acredita que a menina seria fruto de traição e isso faz com que o homem despreze a esposa também.

Com o tempo, Natalina aceita essa condição, mas a aceita não por conformidade, mas por um sentimento que poderia sugerir uma forma de resistência. Natalina não procura o amor dos pais, também não o espera. Ela passa a viver sozinha, em um silêncio, no seu silêncio, um silêncio imposto pelas condições em que vive. Assim, ela, além de aceitar e retribuir o desprezo dos pais, também, de certa forma, aceita o nome que lhe foi imposto e não responde a quem não o pronuncia de forma completa – Troçoleia Malvina Silveira.

A menina, jovem e mulher, carrega esse nome até os trinta anos, mesmo sabendo que poderia trocá-lo a partir dos dezoito. O que a autora supõe se tratar de um inexplicável respeito aos pais. Na voz da narradora:

Em suas leituras, das mais diversas, entendia que o direito que ela havia desejado desde criança, na prática, existia. Aos dezoito anos – dizia para ela mesma – toda pessoa, vítima de seu próprio nome, pode trocá-lo. Mas Silveirinha, somente aos trinta, decidiu. Nem ela sabia explicar por que aguardou tanto tempo. Talvez – penso eu –, apesar de tudo, por um inexplicável respeito aos pais. Sim, pois só depois que os dois, vítimas de um desastre de carro, morreram, foi que Silveirinha tomou a decisão. Rumou ao cartório para se despir do nome e da condição antiga (EVARISTO, 2011, p. 25).

A espera de Natalina para, como diz a narradora, “se despir do nome e da condição antiga”, se coloca de forma paralela à “aceitação” desse nome. Durante a vida dos pais, como foi dito anteriormente, a personagem assume o nome que lhe foi dado em todos os lugares em que circula. Esse nome não parece lhe causar vergonha, mas sim, um meio de mostrar à sociedade o tratamento que lhe foi imposto. A menina cresce esperando o momento em que enfim poderia realmente escolher o seu nome, cresce sendo chamada de Troçoleia Malvina Silveira e não aceita outra forma de chamá-la que não seja essa. Assim, a denúncia do tratamento dos pais aparece estampada através de seu nome.

Ao “se despir do nome antigo”, como se despe de uma roupa suja, fica para trás, assim como boa parte de sua herança, a condição submissa da mulher, aliás,

algo que para a personagem nunca foi incorporado. Pois, o mesmo desprezo que recebia dos pais, era atribuído a eles e, assim, ela cresceu sozinha, ela nasceu e cresceu Natalina Soledad.

2.1.1 Troçoleia Malvina Silveira

O nome escolhido para aquela menina recém-nascida já existia, já ecoava sentidos no percurso histórico dos discursos. Troçoleia, não designa ser, não designa vida, ao contrário, é algo inerte, com aparência ruim. Na visão do homem da história, a menina tem imagem de troço, algo sem serventia. Mulher objeto, mulher troço. Em uma parte do texto, na voz de Conceição Evaristo, o pai se refere à filha como “coisa menina”. Dessa forma, o nome escolhido para a criança traz em si toda a carga de desprezo formada durante anos de uma construção histórica e ideológica da imagem da mulher. Para Mariani (2014, p. 132), o nome “porta algum discurso que nos antecede e que nos inscreve em uma escrita, funcionando como uma marca especial que nos especifica e nos determina com as cores do imaginário de quem nos nomeou”. No caso de nossa personagem, no pensamento do pai, a palavra troço é que representaria aquele ser. De acordo com o dicionário Aurélio, a palavra troço tem as seguintes acepções:

1. Coisa imprestável; traste velho; tralha.
2. Qualquer objeto cujo nome não importa, ou não se sabe, ou não se quer declinar; coisa, negócio, trem, troféu, chorumela.
3. Pessoa importante, influente; figurão: O homem é troço na política.
4. Mal-estar indeterminado; coisa: Teve um troço e morreu.

Atentamos aqui para as acepções 1 e 2, com exceção da palavra troféu, pois, de acordo com a história, são os significados que mais se aproximam dos sentidos construídos pela palavra em questão. Se para o pai é imprestável, é porque, para ele, não “presta”, ou seja, não tem nenhuma serventia. Porém, mulher não é objeto para “ter serventia” para alguma coisa. Mulher, na visão dele, seria para prestar serviços, assim como sua esposa, mulher submissa que lhe “prestou os serviços” de gerar sete filhos homens. Mas esse “objeto esposa”, falhou no último deles, que, por

sua vez, nasceu uma mulher e essa mulher, no pensamento do pai, não serviria para nada, assim como um traste velho não serve para nada.

Temos também o nome Malvina, uma referência à palavra mal. Troçoleia Malvina seria do mal, seria da traição, estaria do lado oposto ao bem, do lado oposto ao homem, como um efeito de sentido possível. Além do sentido de mal-vinda, como marca no texto a própria autora do conto, mal-vinda é o oposto de bem-vinda.

Ainda de acordo com Mariani (2014), em sua reflexão sobre o nome próprio, ela nos apresenta dois caminhos para se pensar o nome próprio como forma de constituição do sujeito. Um deles por meio da linguística, no qual, a partir das reflexões de Guimarães (2002), afirma-se que o nome próprio se trata de um processo social de subjetivação. Ou seja, é por meio do sistema jurídico que o ser humano recém-nascido ganha existência na sociedade. Assim, por meio da repetição, adquire sua identidade própria no nome que lhe foi dado. No caso da personagem, não houve essa identificação própria de que fala Guimarães, uma vez que ela nunca, mesmo em silêncio, não se identifica com o nome.

No conto, Natalina Soledad abre dois caminhos de resistência contra esse nome. Um deles se trata de uma certa aceitação, pois ela não atende quando seu nome completo não é pronunciado. Uma forma de expressão, um meio de mostrar o seu nome, nome que representa a humilhação e o desprezo que muitas mulheres vivenciaram e ainda vivenciam. Natalina não se envergonha do nome, ela o expõe, até mesmo para seus poucos namorados. Mostrar o nome que lhe foi dado, mostra essa visão que foi construída ao longo do tempo, visão de mulher objeto, mulher sem sentimentos, sem vida, mulher silenciada pela família e, muitas vezes, pela sociedade. Mulher que luta para ter o direito de existir.

Por outro lado, mostrar seu nome completo significa mostrar também o nome Silveira, o sobrenome de sua família. Dessa forma o nome Troçoleia estaria diretamente atrelado a essa família, expressando assim que esse ser, que para o homem da história, não tinha nenhuma serventia, pertence a essa família, está diretamente ligado a ele e, por mais que nenhum deles quisesse, isso seria inevitável. Caso mudasse o sobrenome – porque era algo que gostaria de fazer – a suposta traição da mulher ficaria ainda mais evidente. Então, entre a vergonha de ser traído e ter uma filha, ele escolhe a filha com o desprezo que mancharia seu nome até os trinta anos.

A criança só herdou Silveira no sobrenome, porque a ausência desse indicador familiar poderia levantar a suspeita de que algo desonroso manchava a autoridade dele. E, como não queria passar por mais esse vexame, permitiu que a coisa menina, mal-vinda ao seio familiar, fizesse parte da prole dele, mas só no nome (EVARISTO, 2011, p. 21).

Algo que merece nossa atenção é que sua aparência física era muito parecida com a do pai, mais até que a aparência dos filhos meninos. Assim como a aparência, como algo preso a ela e à família, Natalina passa a ser chamada por alguns de Silveirinha, o pai era o Silveira, ela a Silveirinha. Natalina não aceita ser chamada dessa forma e exige que pronunciem seu nome completo. Ela não aceita no nome, a presença daquele homem. Ser chamadas de Silveirinha seria a representação do vínculo entre pai e filha no próprio nome. Então, ela prefere o nome completo a ser chamada apenas pelo sobrenome do pai, em sua forma diminutiva.

Mais tarde, quando finalmente toma a decisão de trocar o seu nome, Natalina rejeita também a incorporação do sobrenome familiar. Ela rejeita, dessa forma, aquela família e todo o desprezo que lhe foi concedido desde o seu nascimento.

Voltando nossa análise para a posição-sujeito de escritora, de Conceição Evaristo, notamos que ela também buscou e busca uma explicação para sua “existência na Literatura”. Em entrevista dada à BBC Brasil, em 2018, Conceição questiona as regras que a fizeram reconhecida somente aos 71 anos de idade. Seria esse mesmo silenciamento imposto à mulher como ser pensante, como ser capaz de conduzir a si mesma e aos outros, pois a Literatura alcança o outro e esse poder de alcance teria sido limitado pela sua condição de mulher e negra, de mulher pobre, de mulher que saiu da periferia e construiu-se como uma das vozes principais da Literatura negra?

A personagem Natalina busca silenciosamente um meio de trocar esse nome, de escolher seu próprio nome e, assim, se fazer reconhecida como mulher. Ela descobre isso aos dezoito anos, mas, somente aos trinta, com o falecimento dos pais em um acidente de carro, ela tem coragem de trocá-lo.

Para os nomes, não há significados, porém, há sentidos que são produzidos ao longo da história, no nome próprio há toda a história de uma família, todo o seu percurso social, aspectos positivos e negativos que foram construídos ao longo do tempo. Para Natalina, indiscutivelmente há todo um imaginário acerca da imagem da mulher. Imagem que ultrapassa a submissão, que vai além, com a designação de coisa, troço.

Em parte de sua pesquisa, Ferrari (2008) se dedica ao estudo dos nomes dos escravos. Nos anúncios de busca aos que haviam fugido, além da descrição – também analisada – nota-se a existência de dois nomes. Um dado pelo dono durante o batismo, nome escolhido a partir de uma determinada posição sujeito, nome que corresponde à posse do ser humano, nome que deverá ser utilizado nos ambientes em que o escravo “poderia”, somente com a permissão do dono, circular. Ambientes também em que o sujeito escravo seria realmente visto pela sociedade da época como escravo. Porém, um ponto muito interessante de sua análise, sobre o qual chamamos a atenção, é que Ferrari verifica que embora houvesse essa limitação imposta pela sociedade, pelas leis da época, pela violência e, também, pelo nome, há algo no ser humano que não se pode limitar. Cada um desses escravos tinha o seu nome, nome escolhido como verdadeiramente seu. Nome que o designava não nos lugares onde o dono lhe permitia as idas, mas nos lugares em que o escravo circulava, nome que corresponde a outra posição-sujeito. Uma nomeação própria, que permitia ao escravo sua constituição como sujeito a partir de uma outra posição, uma outra formação discursiva, diferente das formações às quais os proprietários pertenciam. Para Ferrari (2008, p. 186):

O nome próprio é parte constitutiva de processos de individualização onde se diz ao seu portador o lugar que ocupa em uma série. Essa série dependerá do espaço de enunciação. Assim, o nome próprio estará relacionado com a posição sujeito do enunciador que nomeia e já não estará mais somente relacionado às determinações do nome pelo Estado. À enunciação do nome pelo Estado se constitui, no contexto que estamos desenvolvendo, como mais uma das posições de sujeito que enunciam o nome, porém, não a única.

Com a análise da dupla nomeação dos escravos representando também essa dupla visão a respeito do mesmo ser humano, cada uma delas de acordo com uma determinada formação social e vindas de diferentes posições sujeito, podemos observar o ato da nomeação primeiramente como um ato social e jurídico de subjetivação. Mariani (2012, p. 134), a partir das reflexões de Guimarães (2002), afirma que:

[...] a nomeação legal – produz um efeito de unicidade a partir do momento em que essa atribuição de um nome próprio funciona identificando histórica e socialmente o sujeito em questão, unicidade entendida como produção de um efeito de colamento entre nome e pessoa. É o que permite ao Estado interpelar e responsabilizar esse sujeito no que o nome próprio carrega em termos das condições de produção em que se deu a nomeação, ou seja, da historicidade e da memória próprias ao acontecimento de linguagem que foi a nomeação em si.

Dessa forma, podemos compreender que esse ato social e jurídico de nomeação tanto para os escravos quanto para nossa personagem Natalina Soledad – Troçoieia Malvina Silveira – produz efeitos de sentidos muito negativos e isso não permite que haja um processo de colamento entre nome e pessoa.

O escravo não aceita seu nome, aquele dado pelo seu senhor, atribuído ao escravo como mais uma das penas que deve cumprir durante a vida. Mesmo que essa não aceitação do nome seja, muitas vezes, involuntária, há algo mais rico na linguagem que lhe permite sua própria nomeação assim como uma forma de subjetivação. O escravo, por meio do nome que ele mesmo escolheu ou que foi escolhido por seus companheiros, nos poucos ambientes em que poderia circular sem a alcunha de escravo, mesmo sendo poucos, esses lugares existiam, ambientes em que o sujeito se reconhecia como um homem ou uma mulher livre. Um nome que o fazia ter a sensação de liberdade. Esse nome era lembrado nos anúncios de fuga, a fuga também como ato de resistência, momento em que o nome que o escravo escolheu para si aparece novamente, representando assim mais um ato de resistência.

Natalina Soledad também escolhe um nome para si, nesse ato de linguagem que é a nomeação, podemos perceber essa atitude de resistência ao se desligar de tudo que significava o seu primeiro nome. É possível verificar, assim como na dupla nomeação dos escravos, duas diferentes posições sujeito que marcam também duas formações sociais e ideológicas diferentes. É importante trazermos aqui a noção de ideologia, para Orlandi (2015, p. 44) “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Assim, o sujeito está exposto à história e esta exposição/relação entre sujeito e história é o que formula os sentidos, o que permite uma compreensão ideológica dos sentidos. Para o sujeito pai, esta exposição a um processo ideológico gendrado, marcado, desde suas gerações anteriores, por uma ideologia machista faz com que involuntariamente ele reproduza os sentidos que, para ele, são naturais. O que também ocorre com a mãe de Natalina, uma vez que aceita o tratamento dado à filha e não demonstra nenhum ato de contestação.

Guimarães (2002 *apud* Ferrari, 2008, p. 36) traz a seguinte reflexão sobre a relação entre nome e sociedade:

O ato de nomear não é isolado, mas está inscrito dentro de padrões dos quais não é possível fugir. Nomear alguém não é simplesmente colocar uma etiqueta, é dar um espaço dentro de um coletivo, seja como filho em uma família, seja como integrante de um grupo ou congregação. Por esse motivo, Guimarães afirma que o funcionamento do nome se dá no processo social de subjetivação. Ou seja, passa a ser uma questão do sujeito.

Dessa forma, podemos verificar que o ato de nomeação da personagem realizado pelo pai marca um padrão ideológico ao qual o pai foi interpelado ao longo de suas vivências. Guimarães afirma que a nomeação constitui um espaço dentro de um determinado grupo social, porém nos sentidos do nome Troçoieia Malvina Silveira, há justamente a ausência de espaço, principalmente dentro da família. O que pode ser visto durante as refeições por exemplo, Troçoieia não fazia suas refeições com a família. Ela procurava um outro espaço para si, ficava na cozinha ao lado da empregada, que lhe dava atenção, a quem ela também tinha carinho. No espaço em que o restante da família não estava, a menina podia ser o sujeito Natalina, a mulher que busca um nome e um espaço onde seja reconhecida.

2.1.2 Natalina Soledad

Com seu novo nome, um novo tempo de uma mulher que esperou trinta anos para se desfazer da imagem que tentara lhe colocar aquele homem. O nome Natalina refere-se ao Natal, festa cristã que comemora o nascimento de Jesus Cristo no dia 25 de dezembro. Na visão cristã, essa data é sinônimo de esperança, de vida e de caridade, é um momento de renovação humana com base na história de Jesus.

Para a personagem central do conto, os sentidos do Natal agora se produzem em seu nome. Natalina nasce novamente e nasce Soledad, ou seja, continua na sua solidão - porque nasceu só - uma solidão que a acompanha desde o nascimento com o desprezo da família. Porém, Natalina não sofre com a sua solidão, ela se acostuma e prefere que seja dessa forma. Além de ter se habituado à solidão, ela faz questão que seja o seu nome. Mas nesse caso, solidão produz em si um sentido de força, de luta, uma luta que foi vencida sozinha e por uma mulher.

CAPÍTULO 3: O LUGAR DE FALA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A voz de minha filha
 recolhe todas as nossas vozes
 recolhe em si
 as vozes mudas caladas
 engasgadas nas gargantas.
 A voz de minha filha
 recolhe em si
 a fala e o ato.
 O ontem – o hoje – o agora.
 Na voz de minha filha
 se fará ouvir a ressonância
 o eco da vida-liberdade.

Neste capítulo, com base nos estudos de Djamila Ribeiro (2017), Mônica Zoppi Fontana (2017) e Eni Orlandi (2007), fazemos uma reflexão sobre o silêncio como constitutivo da resistência e do lugar de fala como elemento que promove a construção de sentidos dos discursos de resistência. Para essa análise, elegemos como objeto o título da obra, pelas significantes lágrimas e insubmissas. Em seguida, analisamos a página que sucede o sumário, pelo relato em 1ª pessoa da autora e por suas experiências como contadora de histórias.

3.1 Considerações sobre o silêncio e o lugar de fala como produção de sentidos de resistência

Em nossa pesquisa, como mencionamos anteriormente, o principal objetivo é trazer uma reflexão sobre o processo de resistência por meio da Literatura e, de forma específica, da obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Procuramos analisar como se produzem os sentidos de resistência à memória do silêncio, da repressão, do não poder dizer. A autora Conceição Evaristo, lutou por vários anos até que tivesse reconhecimento, suas palavras, palavras de tantas outras mulheres negras, silenciadas por tanto tempo, hoje começam a ganhar espaço. Interessa-nos também analisar como essas vozes silenciadas, censuradas pela história, nunca deixaram de produzir os seus sentidos.

Antes de falar sobre o lugar de fala e lugar de enunciação como conceito, é relevante lembrarmos a relação entre silêncio e resistência. Orlandi (2007), em sua

obra *As formas do silêncio*, realiza uma importante reflexão acerca da censura enquanto fato de linguagem que se instaura definindo os sentidos permitidos e proibidos que se produzem no sujeito. Ao mesmo tempo, por meio dos processos parafrásticos e polissêmicos, Orlandi faz uma análise da relação entre censura e resistência. Por meio desses processos, se realizam os sentidos de resistência aos discursos autoritários e excludentes.

Uma questão que nos importa é o estudo dos discursos totalitários, definidos como língua-de-espuma (Orlandi, 2007, p. 99). Trata-se do discurso realizado pelos militares da Ditadura no Brasil, por exemplo, é o discurso vazio e, ao mesmo tempo, autoritário, o discurso que busca silenciar, proibir o percurso dos sentidos contrários aos seus. Porém, esse tipo de discurso, como afirma a própria autora, não se limita apenas ao discurso dos militares, mas se estende por todas as sociedades totalitárias, nas quais proliferam a tentativa de proibição do dizer, como se fosse possível impedir o percurso dos sentidos. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 13):

A própria noção de censura se alarga para compreender qualquer processo de silenciamento que limite o sujeito no percurso dos sentidos. Mas mostra ao mesmo tempo a força corrosiva do silêncio que faz significar em outros lugares o que não “vinga” em um lugar determinado. O sentido não para; ele muda de caminho.

Nessa obra, a autora estuda os processos de resistência à Ditadura Militar instaurados por meio da música. Explorando o vazio da língua-de-espuma dos militares, autores como Chico Buarque, criava suas metáforas, instaurando de forma artística, toda a revolta contra aquele poder. O sonho da liberdade nas canções, o jogo da linguagem, o percurso dos sentidos ressoavam nas vozes de cada um. A contradição como elemento inerente à linguagem, também se constituía, trabalhando e fazendo com que houvesse deslizamentos de sentidos, porém “todos esses sentidos conviviam indistinta e desordenadamente do lado de cá da (censura) ditadura” (ORLANDI, 2007, p. 20).

A partir dessas reflexões, associamos o silêncio da Literatura produzida pela mulher negra, como algo imposto ao longo do tempo pelo trabalho da história. Porém, a recusa a este silêncio manifesta-se como discurso de resistência como uma forma de oposição ao preconceito. Não se trata aqui em nossa análise, da censura produzida por um determinado grupo político, mas da “interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas, isto é, proíbem-se certos sentidos

porque se impede o sujeito de ocupar certos lugares, certas posições” (ORLANDI, 2007, p. 104).

No caso da obra literária em análise, como refletimos anteriormente sobre a questão da resistência ao silenciamento autoritário promovido pelos militares por meio das músicas MPB, podemos pensar sobre a construção de um “lugar de falar de si” como fator indispensável no processo de resistência. Zoppi Fontana (2017), traz uma importante contribuição acerca do processo de enunciação como constitutivo do lugar de enunciação, com base em dois movimentos de interpelação ideológica do sujeito (ZOPPI FONTANA, 2017. P. 65, apud. ORLANDI, 1999).

Em um primeiro momento temos a interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia. Essa é a forma de assujeitamento que, em qualquer época, mesmo que modulada de maneiras diferentes, é o passo para que o indivíduo, afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive. [...] em] um segundo momento teórico, o estabelecimento (e o deslocamento) do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado [...]. Em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação, é agora o Estado, com suas instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde, que individualiza a forma sujeito histórica, produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos [...] Uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada).

De acordo com a definição acima e com as colocações de Zoppi Fontana, no processo de subjetivação se constitui a identificação na história e na relação com a exterioridade. É no movimento com a exterioridade que os sujeitos reclamam suas posições. É nesse momento que pode haver a identificação ou o desconhecimento em relação à determinada formação social. Então, nesse movimento de identificação e não-identificação que surgem os lugares de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 2017, p. 66):

Como lembra Safatle (2012: 108) ao analisar a obra de Judith Butler: “De fato, preciso me sujeitar às normas sociais com seus quadros identitários estabelecidos para ser reconhecido como sujeito. Mas posso também sentir que os termos pelos quais sou reconhecido fazem da vida algo impossível de se viver”. Assim, trata-se de conceber o funcionamento das lutas pelo reconhecimento e das práticas de resistência às diversas formas de dominação no interior do processo de interpelação ideológica.

Assim, se configura o espaço de enunciação. Em nossa análise, o lugar de enunciação do qual se fala, trata-se da literatura, da obra em que essas vozes silenciadas ao longo do tempo, por um processo histórico e ideológico, encontram

seus caminhos e resistem ao lugar em que foram colocadas ou ao silenciamento ao qual foram submetidas, pois, essas vozes nunca se calaram, mas não foram ouvidas.

Hoje, no meio escolar, onde nascem para muitos os primeiros contatos com a palavra literária, estamos começando a conhecer as obras da literatura produzida pela mulher negra. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são exemplos de que o processo de interpelação ideológica não é um ritual sem falhas e, nesse caminho incrível dos sentidos, há também a possibilidade de rompimento, no qual os sujeitos se fazem muitas vezes na não-identificação com a dominação ideológica. Pensamos, dessa forma, lugar de enunciação como construção ideológica do sujeito do discurso e, muitas vezes, um meio de resistência ideológica à dominação presente no processo de assujeitamento. Zoppi Fontana analisa a questão do lugar de enunciação com base em elementos que se referem à Análise de Discurso, refletindo sobre o assujeitamento e a própria resistência às dominações existentes no interior desse processo.

Por outro lado, observando também o aspecto social, torna-se indispensável também falar sobre o conceito de lugar de fala, de Djamila Ribeiro. Em seu livro "*O que é lugar de fala?*", Djamila Ribeiro trata de questões muito relevantes sobre o feminismo negro e sua história. Ela retoma a luta das feministas negras como Sojourner Truth, Lélia Gonzalez e Linda Alcoff para mostrar os caminhos percorridos pelo feminismo negro na resistência ao preconceito, à discriminação e à violência de gênero e de raça.

De acordo com a autora (RIBEIRO, 2017), as posições sociais e as condições de vida da população, especialmente a negra, são, de certa forma, a materialização do preconceito e da violência. Dessa forma, mesmo que haja discursos defensores de que o preconceito e a violência racial não existem, a própria pobreza impede que se tenha acesso a uma educação de qualidade por exemplo. Sem condições financeiras, não é possível estudar outras línguas, requisito fundamental para o acesso a uma boa universidade; sem dinheiro, não se conhece o teatro, o cinema, os livros... meios pelos quais se adquire conhecimento, cultura e, por meio deles, torna-se possível uma visão mais ampla sobre a história e a sobre a nossa história. Trata-se da história que mostra que a violência social à qual a população negra está mais exposta é consequência da escravização, do descaso "ao fim da escravização", que levou a população negra para as favelas, sem as mínimas condições de uma sobrevivência digna.

Não se trata de uma opinião, são dados que sustentam a dimensão da violência contra a população negra. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por exemplo, do grupo de 10% dos mais pobres do país, 75% deles são formados pelos negros. (<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao/>. Acesso em 12 out. 2021). O percentual de negros assassinados no Brasil é 132% maior do que o de brancos, revela pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, intitulada Vidas Perdidas e Racismo no Brasil (<https://www.geledes.org.br/racismo>. Acesso em 12 out. 2021). Dados do Atlas da Violência no Brasil, de 2018, mostram que, de 2008 a 2018, a violência contra a mulher negra aumentou 12,4%, enquanto a taxa de violência contra mulheres não pretas diminuiu 11,7%. Dados mais atuais, do Atlas de 2020, mostram que, de 2017 a 2018, houve uma redução de 8,4% na taxa de homicídios contra a mulher, de forma geral, mas ainda com uma disparidade racial: a taxa de homicídios de mulheres não negras reduziu 12,3%, enquanto a de mulheres negras reduziu cerca de cinco pontos percentuais menos, 7,2% (<https://ufmg.br/comunicacao/noticias>. Acesso em 12 out. 2021). Dessa forma, torna-se indiscutível que essa desigualdade produza profundas violências entre os povos de nosso país.

Voltando à questão principal deste capítulo - o lugar de fala, conforme citamos anteriormente – Djamila Ribeiro parte principalmente das reflexões de Patrícia Hill Collins, a partir de sua teoria *feminist standpoint* – ponto de vista feminista na tradução literal - e Grada Kilomba, em *Plantations Memories: Episodes of Everyday Racism*. Djamila afirma que o debate se concentra na questão de falar de um lugar social “Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades”. (Ribeiro, 2017). Trata-se de entender as diferenças não a partir de experiências individuais, mas a partir dos grupos/categorias sociais que favorecem as desigualdades. Assim o *feminist standpoint* corresponderia a experiências vividas em grupos e os integrantes desses grupos sociais passam pelas mesmas privações e constrangimentos, essa teoria prioriza o estudo sobre as condições sociais que formaram esses grupos. Nas palavras de Ribeiro (2017, p. 35):

Ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma.

Assim, o assunto é tratado com base no pressuposto de que as condições que promovem essas desigualdades, que separam a sociedade em diferentes grupos, nos quais uns têm prestígio e outros são tratados como subalternos e, conseqüentemente, toda a sua produção cultural sofre o mesmo desprezo. Um exemplo disso é desconhecimento em relação as obras literárias produzidas por autores e autoras negras. Ribeiro (2017, p. 36) aponta essa mesma reflexão em forma dos questionamentos:

Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas?

Esses questionamentos foram objetos de reflexão de nossa pesquisa. Todos nós, com base em nossas experiências pessoais podemos afirmar que os autores e autoras negras não são conhecidos no meio escolar. Como disse anteriormente, como professora de Língua Portuguesa há onze anos, somente no ano passado recebemos materiais didáticos (Planos de Estudos Tutorados – apostilas produzidas pela Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais para o uso durante o ensino a distância, no período da pandemia do novo Coronavírus) com estudos sobre as obras de autoras negras.

Isso remete também à história de Conceição Evaristo, a demora pelo reconhecimento no campo da Literatura. Embora a escritora tenha conseguido estudar e não viva mais em uma favela, ela sofre interdições semelhantes ao grupo que ocupa o mesmo lugar social de que faz parte. Para Ribeiro (2017, p. 37):

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet.

O lugar de fala ao qual Djamila Ribeiro se refere trata-se da luta contra esse projeto social hierarquizado, onde o lugar social define quem pode falar e será ouvido, o lugar social que define se haverá acesso ou não aos bens institucionais e culturais. Assim, a busca pelo lugar de fala não se limita a questões individuais, mas

a questões de grupo, enfrentadas pelos membros desses grupos. Nas palavras de Ribeiro (2017, p. 37):

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus social*, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência.

A autora salienta que, com base na teoria de Patrícia Hill Collins, isso não se afasta da individualidade, porém, faz com que os integrantes desses grupos passem pelas mesmas experiências nas relações de poder. Enquanto Collins cita as altas taxas de encarceramento de homens negros nos Estados Unidos, Djamila Ribeiro fala sobre a realidade brasileira em que nos maiores índices de feminicídio, estão as mulheres negras. Elas também ainda são maioria nos trabalhos domésticos e terceirizados (RIBEIRO, 2017).

Djamila Ribeiro também cita também Spivak, Alcoffe e Kilomba para um aprofundamento sobre a questão do lugar de fala. A partir de Foulcaut, Spivak fala sobre um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida saberes produzidos por grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017). Spivak parte do conceito de que o subalterno estaria em um lugar de silenciamento, pois não teriam suas humanidades reconhecidas (SPIVAK, 2010 apud RIBEIRO, 2017, p. 126):

O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher-negra, pobre” como um item respeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio.

Porém, para outras pensadoras como Collins e Kilomba discordam dessa afirmação, pois se lutam para que essa realidade mude, não podem afirmar que não pode haver o rompimento desse silêncio.

Grada Kilomba, também faz uma importante reflexão sobre a questão do silenciamento lembrando a escrava Anastácia, que foi obrigada a viver com uma máscara. Essa máscara serviria para impedi-los de se alimentarem durante o trabalho e para silenciá-los. A escritora Conceição Evaristo, em entrevista ao *site Carta Capital*, fala também sobre a máscara e, a partir de sua reflexão, podemos perceber que escritora brasileira também discorda de Spivak.

[...] aquela imagem da escrava Anastácia, eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é um símbolo nosso, porque nossa fala força a máscara (EVARISTO, 2017, s. p.).

Em nossa pesquisa, a fala de Conceição Evaristo sobre o rompimento do silêncio nos traz uma importante contribuição. Evaristo fala em seus contos, fala por ela, por meio da sua voz e também fala por muitas outras mulheres negras, que foram “mascaradas”, silenciadas. Evaristo rompe a máscara do silêncio por meio da Literatura. Por meio de suas escrituras, as escrituras de muitas outras mulheres. Algo que também tem muita importância é o fato de que ela, a escritora resiste, suas mulheres também resistem, elas são insubmissas como forma de resistência.

Voltando ao conceito de lugar de fala, Ribeiro aponta que esse conceito refere-se ao lugar social de onde se fala. De acordo com a pensadora, isso não significa que não possa haver diálogos entre pessoas de diferentes lugares sociais, porém, o que deve estar claro é que, ao falar, as hierarquias produzidas em nosso sistema social. O branco privilegiado fala de seu lugar social, do seu lugar de fala, assim como os grupos oprimidos irão falar a partir de seus lugares. Para Ribeiro (2017, p. 48):

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.

Essa teoria tem muito peso em nosso trabalho. É importante notar que no caso dos contos da obra em análise, Conceição Evaristo fala a partir de seu lugar social, contando as experiências vividas nesse lugar, no lugar do oprimido, do silenciado. Porém, os contos rompem o silêncio e, contrariando a teoria de Spivak, também podemos afirmar que é possível romper o silêncio.

3.2 Vozes femininas e negras em insubmissas lágrimas de mulheres, uma análise do título e da obra

Por meio do título da obra, é possível ler certos efeitos de sentido que ressoam, que vão surgindo... A partir do título, uma série de paráfrases mostram como uma atualidade de discursos encontra uma formulação produzindo jogos parafrásticos. São lágrimas, não são sorrisos, são lágrimas de mulheres, são mulheres que choram, mas podem ser lágrimas de homens porque os homens é que causaram essas lágrimas.

A palavra lágrimas, produz sentidos relacionados ao sofrimento, à dor e, até mesmo, à fraqueza. Mas também pode significar alegrias, as alegrias de quem busca e alcança o seu lugar, o protagonismo em sua história de vida, assim como as personagens de Conceição Evaristo.

Essas lágrimas podem ser de mulheres, às mulheres ideologicamente se impõe a ideia de fraqueza, é o sexo frágil, se é o sexo frágil, é mais comum que quem chore sejam as mulheres. As mulheres choram, os homens não choram, os homens são fortes, as mulheres são fracas porque elas choram. É muito frequente ouvir formulações como “homem não chora”, assim, o homem é mais forte, tanto física quanto emocionalmente. Na leitura de *“Insubmissas lágrimas de mulheres”*, vários não ditos ficam implícitos, formulações que permaneceram na história e que, ainda hoje, encontram existência.

Para Orlandi (2015), na linguagem, há sempre a relação entre o mesmo e o diferente, ou seja, os mesmos dizeres são repetidos insistentemente, porém produzem significados diferentes, movidos pela memória e pela ilusão do esquecimento. Assim, “os dizeres parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória” (ORLANDI, 2015, p.34)

A partir da expressão “lágrimas de mulheres”, observa-se a materialização do histórico e do simbólico, pois, ao interpretar, surge o sentido movido pela ideologia. Esse discurso vem em uma série de formulações produzidas ao longo do tempo. A expressão acima arrasta em si diversos dizeres que inferiorizam a mulher. Porém, esse é parte do título da obra.

O que nos chama a atenção é que essas lágrimas, embora tragam um sentido de sofrimento da mulher e, de forma mais específica, da mulher negra, não produzem

efeito de inferioridade. De forma diferente, essas lágrimas são insubmissas, discursivamente, essas lágrimas são submissas, mas lutam contra essa submissão. Há, nessa expressão a opacidade da linguagem. Assim, não se trata de mulheres que não sofrem ou que não têm momentos de fraqueza, suas lágrimas são a evidência da submissão (imposta?), uma submissão que encontra resistência.

Ao utilizar o prefixo *in* em insubmissas, é produzido um outro sentido para esse termo, um sentido que se desloca da posição de sofrimento e dor para um sentido de resistência. Essas lágrimas existem e têm a força da resistência, não são reflexo de fraqueza feminina, mas de todo um processo de violência e descaso que a mulher negra sofreu ao longo da história. É inevitável que isso apareça, mas surge também essa mudança de percurso que rompe com uma visão inferiorizada da mulher e produz um sentido de força e de luta.

Aqui, a palavra “insubmissas” produz um sentido de resistência à submissão. Elas choram, sofrem, mas lutam e resistem.

3.3 Ouvir e contar histórias – Conceições, vozes e escrevivências

Lê-se na página que sucede ao sumário do livro:

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido e o escrito aprofundam mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência”.

Nesse trecho, escrito em 1ª pessoa, podemos observar as marcas de alguém cuja referência fica em suspenso, pois não há título, numeração e nem indicação sobre autoria. Logo no início, há referência a uma voz que se confunde com a voz de outra ou de outras, essa voz é de quem escreve, é de quem ouve e é de quem conta, pois “da voz outra, faço minha, as minhas também”. De quem é essa voz fica implícito, a voz é o meio pelo qual essas histórias se materializam e produzem sentidos. Essa voz é de outra, mas também é “minha”, assim como as histórias, que são diferentes, são singulares, mas são histórias de mulheres, então a voz é de mulheres.

Em seguida, durante a escuta das histórias, quem ouve seca os olhos, referência às lágrimas, ao sofrimento, a histórias que fazem chorar. O choro ocorre porque as memórias estão vivas e surgem materializadas no discurso, essas lágrimas são de quem conta, de quem viveu e ainda sente as dores de suas vivências. Mas quem ouve também chora, pois é inevitável, são histórias que fazem chorar e a tristeza de uma mulher é reconhecida por todas que, de alguma forma, sofreram pelo preconceito, pela inferiorização.

O texto segue fazendo um jogo entre quem escreve e quem conta, como se essas pessoas se misturassem na mesma dor e nas mesmas histórias. A partir desse jogo, se produz uma qualificação dessas histórias (jamais pensadas), mas possíveis de realidade. Ao ouvir essas histórias, quem ouve se apropria delas, pois essas vivências se confundem com as vivências de quem ouve e escreve. Embora trate-se de histórias diferentes, trazem a mesma dor.

Assim, no decorrer do texto, esse jogo continua e traz uma reflexão sobre a realidade desses contos, pois, ao escrever, esses contos passam a ter a interpretação e a escrita de quem as ouviu, então passam a ser inventadas de certa forma. Quando uma história é recontada, ela passa a produzir outros sentidos, pois é outro sujeito que as interpreta e as reproduz. Trata-se de um outro sujeito constituído por uma ideologia e por uma memória que fazem surgir outros efeitos de sentido e, assim, a história de outra pessoa passa a ser também a história de quem escreveu, pois há nessas vivências muito em comum.

O texto termina com a seguinte afirmação: “Entretanto, afirmo que, ao registrar essas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência”. Assim a história de uma pessoa passa a ter outra materialidade, a escrita. Quando se escreve essas vivências, elas não mais se perdem, elas passam para além do papel, elas

vão significar por outros caminhos, já não são mais vivências, são “escrevivências”. E por que escrevê-las? Para que elas não se percam no tempo e na memória de quem as viveu? Para que elas possam integrar uma obra literária? E por que elas devem integrar uma obra literária? Esses questionamentos envolvem esses contos, a razão ou razões pelas quais essas histórias foram escritas e, assim, se tornaram “escrevivências”. Elas foram escritas porque não podem ser esquecidas, porque há muitos que precisam lê-las e talvez até se reconhecer nelas. Elas foram escritas para que sejam assim instrumento de resistência, pois essas mulheres existem e suas vivências também e precisam ser conhecidas para que possam materializar a voz dessas mulheres e, assim, transformarem-se em instrumento de luta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa começa aqui. Prefiro usar esse termo: “começa”, pois, a Literatura é muito extensa, a vida da mulher é extensa, as escrevivências de Conceição, não têm fim. Elas se reproduzem em cada vida de mulher, especialmente da mulher negra, em cada momento, tempo que não passa! Extenso pela dor, pela violência. Violência que se traduz nas humilhações nas cozinhas de casas alheias, no caminho empoeirado rumo à favela, versão modernizada das senzalas, violência em não se ter acesso a uma boa escola, a uma universidade, a um sonho... violência que se reflete no prato vazio, na fome, na miséria e no silêncio! Violência nas estatísticas frias, números que comprovam que a maioria das vítimas de feminicídio são mulheres negras, silenciadas para sempre! Silêncio forçado, amordaçado, pobre e preta não fala! Fala! Mas quem as ouve?

O rompimento desse silêncio se instaura na luta dessas mulheres, na força das suas histórias e da força de suas escrevivências, termo tão bonito utilizado por Conceição Evaristo para falar dessas histórias de vida escritas. Histórias eternizadas pelas letras. A Literatura é atemporal, a história já se fez, mas o futuro ainda há de vir melhor. Jéssica Balbino, em seu artigo *Oralidade, voz e literatura feita por mulheres periféricas*, faz o mesmo questionamento sobre o fato de essas mulheres poderem ou não falar e se são ouvidas. Balbino ressalta a importância do coletivo para romper esse silêncio. A união dessas mulheres, separadas socialmente e geograficamente dos grupos privilegiados é uma ferramenta importante na luta por seu espaço. Para Balbino (2016, p. 163):

É importante destacarmos, inicialmente, que ser uma escritora marginal/periférica sinaliza que a autora é oriunda da periferia e embora nem todas as periferias apresentem as mesmas condições, o fato de estar fora do centro – geograficamente falando ou mesmo em termos mais subjetivos - é o que une essas autoras em um movimento cada vez mais sólido e encorpado por seu espaço. Deste modo, estar à margem torna-se ponto fundamental para a construção de identidade do coletivo de escritoras marginais, obrigando-as a se posicionarem politicamente em relação à região em que vivem e às demandas da população das periferias.

É importante ressaltar que um dos pontos mais importantes de nossas reflexões durante esse início de pesquisa, trata-se da pluralidade de vozes na voz de Conceição Evaristo, como meio pelo qual se instaura o lugar de fala, o lugar de

enunciação, a ruptura do silêncio e a resistência. Palavras que contam histórias que poderiam ser reais, talvez até sejam. Quem de nós nunca se reconheceu ou reconheceu suas dores nas palavras, angústias e até alegrias nas palavras das histórias de outras?

Nesse momento, em que tantas coisas passam pela cabeça de quem pesquisa, depois de tantos pensamentos, dúvidas, dificuldades e cansaços, fica o envolvimento com o objeto de estudo. As gargalhadas de Maria do Rosário Imaculada dos Santos, a solidão da estrada, o silêncio da partida, o silêncio do casal que a leva embora, forçada, para longe da família, a distância e o retorno. É como se a visse, sentada contando suas vivências para serem escrituras.

E Natalina Soledad... sempre foi a Natalina Soledad, como não vê-la em seus longos trinta anos de silêncio, ela não queria a palavra com aquele a quem deveria chamar de pai. Sua alegria em escolher seu nome e a beleza desse nome que lembra um tempo tão bonito de esperança!

A Mirtes Aparecida da Luz, que no breu de sua visão cria sozinha a filha, Gaia Luz e carrega para sempre o silêncio do pai da criança, que, inexplicavelmente, tira a sua vida nos primeiros momentos de vida da filha.

A Isaltina Campo Belo, violada por seis homens para aprendesse a gostar de homem. Isaltina silencia durante muitos anos, mas na memória a história nunca de apagou: “os mais humilhantes detalhes morrem na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças” (EVARISTO, 2016, P. 65.)

Essas entre tantas outras mulheres e histórias de Conceição Evaristo povoam hoje a minha imaginação. Não falamos sobre todas essas histórias nesse primeiro momento. Em nossa pesquisa ressaltamos a postura de resistência por meio da Literatura como lugar de fala e transformação cultural, social e humana. Acima de tudo, humana!

Tivemos como objetos de reflexão o título, a página que sucede o sumário e o conto Natalina Soledad. Certamente essa pesquisa continuará, nas outras histórias, outras escrituras, pois há muito ainda para ser analisado. Conceição Evaristo é hoje reconhecida internacionalmente e suas palavras assustam, encantam e emocionam. Mas, acima de tudo, quebram o silêncio de tantas vozes.

REFERÊNCIAS

BALBINO, Jéssica. Oralidade, voz e literatura feita por mulheres periféricas. IN: Zoppi Fontana, Mônica G. / Ferrari, Ana Josefina (Orgs) **Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência** volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

BARTHES, ROLAND. **O Prazer do Texto** - São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANAL LEITURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristo/Escrevivências**. 6 de fevereiro de 2010.

CÂNDIDO, Antônio. **Direitos humanos e Literatura**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CONEIN, CURTINE, GADET, MARANDIN, PÊCHEUX (orgs.) 1981 [1979], **Materialidades discursivas** – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

CULLER, JONATHAN. **Teoria Literária: uma Introdução**. São Paulo: DEDALUS, 1999.

EVARISTO, Conceição (2016) **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê.

FERRARI, Ana Josefina. **Nomes próprios e descrição: um estudo da descrição e do nome próprio a partir da análise das descrições presentes nos anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais de Campinas entre 1870 e 1876**. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP/IEL, 2008.

FONTANA, Mônica Zoppi. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 18, jan. 2018. ISSN 2594-8962. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457>>. Acesso em: 13 out. 2021. doi:<https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457>.

<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao/>. Acesso em 12 out. 2021.

<https://ufmg.br/comunicacao/noticias>. Acesso em 12 out. 2021.

<https://www.geledes.org.br/racismo>. Acesso em 12 out. 2021.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANES, Ely Vieitez. (1978) **Laboratório de literatura**. São Paulo: Estrutural.

MARIANI, Bethania. Nome Próprio e Constituição do Sujeito. **Letras**, v. 24, n. 48, 2014. p. 131-141.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos - 6ª ed.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, jul./dez., 1990, p. 7-24.

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Saberes e sabores ou conversas sobre História e Literatura. **História e Perspectiva**, Uberlândia, n. 45, p. 15-33, jul/dez. 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. Discurso, arte e resistência: sentidos “incômodos” no samba-enredo da mangueira. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 37, Número Temático, janeiro, 2021, p. 52-65. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/855> Acesso em 13 Out 2021.

TEIXEIRA, Maria Cláudia - A língua: ponto de relação entre a linguística-ad e a literatura. **Revista Eletrônica Interfaces**, v. 10, n. 3 (2019), p. 243-259. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6263 Acesso em 13 Out 2021.